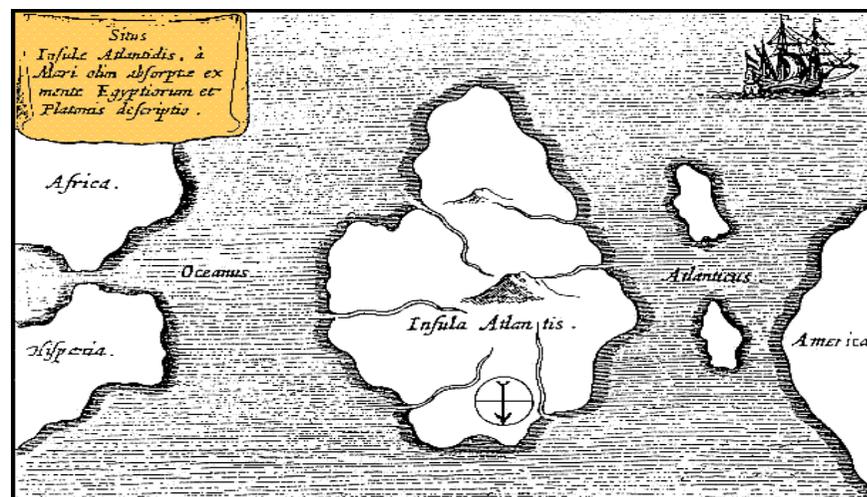


# CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

## REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº 13 dezembro 2011

DEDICADO A ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA



CADERNO Nº 13 dezembro 2011

DEDICADO A ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia

Chrys Chrystello editou este número

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

**CONVENÇÃO:** O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA –

revisto janeiro de 22

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



#### NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores<sup>1</sup> e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL ([www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria

esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.**

**Os CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superstrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

— *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

<sup>1</sup> Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

— *O dos insularizados ou «ilhanizados»<sup>2</sup>, e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

*- Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolíngue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

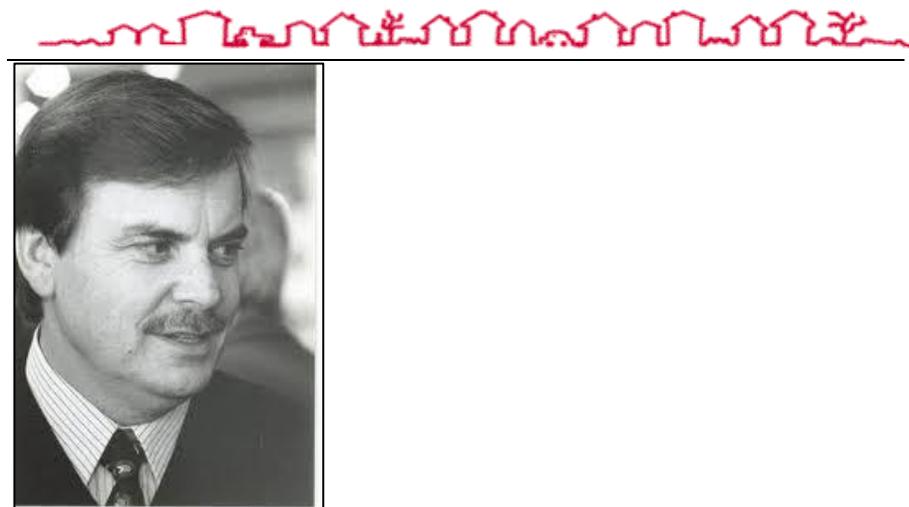
Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Nestes Cadernos já foram publicados autores contemporâneos que estiveram presentes nos colóquios: **Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Caetano Valadão Serpa e Eduardo Bettencourt Pinto além de outros nomes incontornáveis**

como **Álamo de Oliveira, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Eduardo Bettencourt Pinto, Urbano Bettencourt e Eduíno de Jesus.**

Hoje é a vez de **Onésimo Almeida.**



**Onésimo Teotónio Almeida** nasceu no Pico da Pedra, S. Miguel, Açores, no dia 18 de dezembro de 1946. Estudou no seminário de Angra do Heroísmo e posteriormente na Universidade Católica de Lisboa.

Em 1976, na Brown University de Providence fez uma licenciatura em filosofia. Nessa universidade dos Estados Unidos da América onde também foi professor de filosofia e literatura, criou uma nova disciplina, designada "Literatura Açoriana".

É Professor e Diretor do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University, Providence, Rhode Island, EUA. Leciona na Brown desde 1975. Doutorado em Filosofia pela Brown University (1980), é Fellow do Wayland Collegium for Liberal Learning, um Instituto de Estudos Interdisciplinares na Brown University, onde leciona uma cadeira sobre Valores e Mundividências. Foi o fundador da editora Gávea-Brown e editor da revista Gávea-Brown.

<sup>2</sup> adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

# BIBLIOGRAFIA

- (1963). "O centenário, poema-paródia". Angra, [s.i.]
- (1969). *Esperança 21*, teatro. Angra, [s.i.]
- (1970). *Cérebros do grande público* (Ensaio), [s.i.]
- (1972). *Portuguese is my second language: differentiated learning package*. Fall River Public Schools Bilingual Education Program
- (1975). "Prefácio" a José Brites. "Poemas sem poesia" (Lisboa): 7-11.
- (1975). *Da vida quotidiana na LUSAÍndia*. Coimbra: Atlântida Ed.
- (1975). *Ah! Mònim dum corisco! da vida quotidiana na L(USA)Índia* (Teatro) [s.i.]
- (1976). *LUSAÍndia, A décima ilha*. Angra: col. Diáspora. DRAC, Direção Serviços de Emigração.
- (1978). *Ah! Mònim dum corisco!* Teatro Nova Bedford. Providence: Gávea-Brown
- (1978). "(Sapa)teia quotidiana" in João de Melo, ed., *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*. Lisboa: Vega: 71-76.
- (1978). "Os Portugueses na América num livro pobre e cheio de preconceitos". *A Memória de Água-Viva* nº 0: 13-15.
- (1978). "Values and ideology in the school curriculum". Culture Education and Community. *2<sup>nd</sup> National Portuguese Conference*. Cambridge. Mass. NADC: 32-49
- (1980). "A profile of the Azorean" in Donaldo Macedo, ed., *Issues in Portuguese Bilingual Education*: 113-164. Ensaio. Cambridge, National Assessment and Dissemination Center for Bilingual Bicultural Education
- (1980). "Mrs. Cavallo. Professora de ESL" in Yvette Tessaro et al., eds., *Saudades Não Pagam Dívidas*. Paris: Association L'Oeil Étranger: 86-96.
- (1980). "Português(es) de diáspora." Gávea-Brown. 1: 2-6.
- (1980). "Nota crítica à crítica de Teodoro Matos e I. Rosa Pereira a Caetano V. Serpa: *A Gente dos Açores* in *A Memória de Água-Viva* nº 7 (outº): 21-24.
- (1980). "The concept of ideology: a critical analysis". Tese de doutoramento em Filosofia. Brown. Providence. Rhode Island. EUA
- (1981). "On doing scientific research", in Anna Brito and June Goodfield's *An Imagined World*. Ed. Gávea-Brown vol. 2 nº 2: 39-44.
- Almeida. Onésimo Teotónio (1981). "Em memória de J. Rodrigues Miguéis". Gávea-Brown vol. 1 nº 2: 3-4. Reprinted in *Diário de Notícias, Cultura*, mai 7.
- (1981). "Recent bibliography on the Portuguese in the United States". *The Journal of Ethnic Studies* 9 nº 1: 96-98.
- (1981), com Nancy Baden, Vamberto Freitas, Urbino de San-Payo, Eduardo M. Dias. "O futuro da literatura luso-americana". Gávea-Brown vol. 2: 14-32.
- (1982). Selection, introduction and edition of João Teixeira de Medeiros *Do tempo e de mim*. Providence. R.I. Gávea-Brown.
- (1983). "Identidade cultural: conflitos solúveis e insolúveis". *Comunicação no Portugueses na América do Norte*. Universidade da Califórnia. Peregrinação Publications
- (1983). "Mannheim's dual conception of ideology: a critical look". *Ideologies & Literature* 4 (2<sup>nd</sup> Cycle): 220-237.
- Almeida. Onésimo Teotónio (1983). In *The sea within. A Selection of Azorean Poetry*, (org.), Providence. Gávea-Brown
- (1983). "Uma cadeira de Literatura Açoriana nos Estados Unidos. Explicação de como e porquê". *Aresta* nº 6: 10-24.
- (1983). *SapaTeia americana*. Lisboa. Vega 1ª ed.
- Almeida. Onésimo Teotónio, (1983). *A questão da literatura açoriana*, Ensaio. Recolha de intervenções e revisitação [as diversas posições teóricas ao longo do tempo e algumas posições polémicas] org., Angra. SREC
- (1983). *José Rodrigues Miguéis, Lisbon in Manhattan* (Ensaio) [s.i.]
- (1983). «Da ausência de produção teórica na literatura açoriana» in Almeida, Onésimo Teotónio (org. e sel.) *A Questão da literatura Açoriana, Recolha de intervenções e revisitação*. Angra. SREC: 217-222 [1ª ed. 1982]
- (1983). "A família do Jànim Rapoza". "Mr. John Hartmeinsh" and "Americanos descendentes de Portugueses" in Fausto Avendaño, ed., *Literatura de Expressão Portuguesa nos Estados Unidos*. Lisboa: Publicações Europa-América: 35-53.
- (1983). "Carta de um Banco a um Português" in Luís de Miranda Correia, ed., *Sílabas*. Providence. R.I. Portuguese Cultural Foundation: 41-43.
- (1983). "The new outlook in Azorean Literature" in Nelson H. Vieira, ed., *Roads to Today's Portugal: Literature and the Arts 1950-1975*. Providence. R.I: Gávea-Brown: 97-115.
- (1984). "Value conflicts and the struggle for cultural adjustment. The case of Portuguese in Canada". Gávea-Brown 5-8: 28-34.
- Almeida. Onésimo Teotónio (1984). *The sea within. A selection of Azorean Poetry*, Selection, introduction & notes. Providence. R.I. Gávea-Brown. Excerpts, reprinted in *Açores, Poetas. Special Edition II Conference of European Insular Regions*. Council of Europe. Ponta Delgada
- (1985). "Filosofia portuguesa: alguns equívocos" in *Cultura, História e Filosofia*. Lisboa vol. 4: 219-255
- (1985). "Da filosofia do humor ao humor em filosofia". Ensaio. *JL*. Lisboa vol. 5 160 30 julº-5 ago: 16-17.
- (1985). "A obra de Eduardo Mayone Dias, ou de como se leva a imigração à universidade e vice-versa". *Peregrinação Publications* nº 8: 11-15.
- (1985). *José Rodrigues Miguéis: Lisbon in Manhattan*, ed., Providence. R.I. Gávea-Brown
- (1985). "(Sapa)teia Quotidiana" in A.M. Pires Cabral, ed., *A Emigração na Literatura Portuguesa: Uma coletânea de textos*. Lisboa: Secretaria de Estado da Emigração: 212-215
- (1985). "Filosofia portuguesa. Alguns equívocos". *Cultura, História e Filosofia*, vol. 4: 219-255.
- (1985). "O filósofo W. V. Quine e os Açores". *Atlântida* vol. 30: 93-101.
- (1985). "Filosofia brasileira vs. Filosofia no Brasil". *Revista Brasileira de Filosofia* vol. 36 nº 140: 400-413
- (1985). *José Rodrigues Miguéis, Lisboa em Manhattan*. ed. revista e aumentada, Lisboa; ed. Estampa;

(1986) (org.) "Da literatura açoriana, subsídios para um balanço". Comunicação I *Simpósio sobre Literatura Açoriana*, Universidade de Brown, E.U.A. 22-23 abr 1983.

(1986). *Da Literatura Açoriana. Subsídios para um balanço*, org., intro e notas. Angra. SREC. 327 pp.

(1986). "Usos e abusos do conceito de Açorianidade". *II Congresso das Comunidades Açorianas*. Angra DRAC: 547-553.

(1986). "Merton, Pessoa-Caeiro e o Zen". *Nova Renascença* nº. 22 abr-jun: 146-152.

(1986). "Identidade cultural, conflitos solúveis e insolúveis" in Eduardo M. Dias, ed., *Portugueses na América, estudos e perspectivas*. Baden. Suíça: Peregrinação Publications: 41-55.

(1986). "Açorianidade: equívocos estéticos e éticos" org, intro e notas, in *Da literatura açoriana, subsídios para um balanço*. Angra. Direção Regional dos Assuntos Regionais. SREC: 303-314.

(1987). *LUSALândia. A décima ilha*. Angra: col. Diáspora. Sec. Reg. Assuntos Sociais e Direção de Serviços de Emigração.

(1987). "Sobre o papel de Portugal na revolução científica do séc. XVII" in *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal (sécs. XVI-XIX)*. Lisboa: Academia das Ciências, 2º vol: 1173-1222.

(1987). In Ron Goulart, "Uma costela faialense na ficção científica americana". *Atlântida* vol. 33: 141-146.

(1987). "Sobre o sentido de *A minha pátria é a língua portuguesa* (Pessoa - B. Soares) ". *Colóquio-Letras* nº 97: 37-47

(1987). "Aculturação: algumas observações". Ensaio. *Arquipélago Ciências Sociais*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores 2: 229-237

(1987). "Um português na América", excerto de "(Sapa)teia Americana" in P. Soares and P. Ferreira *Welcome 5th Grade English Textbook*. Lisboa: Ed. O Livro: 8-9.

(1987). *Prémio de Ensaio Roberto de Mesquita* (Ensaio). Angra. SREC.

(1987). "Antero de Quental no Diário de Tolstoi" *Atlântida* 32: 103-108.

(1987). "Sobre o papel de Portugal na revolução científica do séc. XVII" Ensaio in *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal sécs. XVI-XIX*. Lisboa. Academia das Ciências 2: 1173-1222

(1987). "Aculturação, algumas observações". *Arquipélago, Ciências Sociais* 2: 229-237.

(1987). "Açores, açorianidade e literatura açoriana". *Bulletin d'Études Portugaises et Bresiliennes* nº 46-47: 7-16

(1988) "Geografia: insularidade e clima, a suposta influência psíquica" *Separata do Boletim IHIT* vol. 45: 143-169.

(1988). "O Sebastianismo revisitado" in Claude L. Hulet, ed., *Encruzilhadas, Crossroads*. Los Angeles: University of California. *Symposium on Portuguese Traditions*, vol. 3.

(1988). "Vitorino Nemésio e a tipologia do açoriano". *Separata Arquipélago Línguas e Literaturas* vol. 10: 13-25

(1988). "Prefácio" to the Portuguese translation of *Está a brincar Senhor Feynman!* Lisboa: Gradiva: 7-11.

(1988). "Uma nota de introdução a R. Feynmann: *Está a brincar Sr. Feynmann*. Retrato de um Físico enquanto Homem". Ensaio. Lisboa. Gradiva: 7-11

(1988). "Vitorino Nemésio e a tipologia do açoriano". *Arquipélago Letras*. 10: 13-25.

(1988). "Brazilian Philosophy and national thought." Irwin Stern, ed., *Dictionary of Brazilian Literature*. Westport. CT: Greenwood Press: 240-242.

(1988). "Literatura, sociedade e política: o caso açoriano" in *Conhecimento dos Açores através da Literatura*, Ensaio. Angra IAC: 71-84

(1988). "O renascimento da *Morte da Ideologia*. Ensaio. *Revista de Comunicação e Linguagens*. Lisboa. 6-7: 63-69

(1988). Seleção, intro e ed. de João Teixeira de Medeiros, *Do tempo e de mim*. 2ª ed. alargada. Lisboa: Peregrinação Publications.

(1989). *Ah! Mònim dum corisco!* 2ª ed.; Teatro. New Bedford, Providence: Gávea Chama.

(1989). *No seio desse amargo mar*. Peça em 3 Atos. 1ª ed. Lisboa, ed. Salamandra

(1989). "De Angra nos anos 60", introdução a um texto de Francisco Carmo. *Atlântida* 34 nº 2: 119-120.

(1989). "A presença portuguesa na América do Norte". *Oceanos* vol. 1 nº 1: 93-95.

(1989). "Two entries" in Paul Dickinson, *The new official rules*. Reading. MA. Addison-Wesley Publ. Co. Inc.: 7 - 19.

(1989). "On the diversity of Brazilian philosophical expression" in Jorge E. Gracia and Mireya Camurati, eds., *Philosophy and Literature in Latin America*. Albany: State University of New York Press: 18-24; 213-215.

(1989). "Literatura, sociedade e política, o caso açoriano. Conhecimento dos Açores pela Literatura." *IX Semana de Estudos dos Açores*. Angra, IAC: 71-84

(1989). "Antero de Quental and the causes of decline of the Iberian Peoples, a revisitacion". Benjamin F. Taggie and Richard Clement, eds., *Iberia and the Mediterranean*. Warrensburg: Central Missouri State University: 131-144.

(1989). *Açores, açorianos, açorianidade: um espaço cultural*, Ensaio. Ponta Delgada, Signo Almeida. Onésimo Teotónio, (1989). *Quadro panorâmico da literatura açoriana nos últimos cinquenta anos*. [s.i.]

(1989). "L(USA)lândia" excerto de "(Sapa)teia Americana" in Dora Matos et al. *Pela Pátria é que vamos*. 7th Grade Language Arts Textbook (Lisboa: ASA): 95

(1989). "L(USA)lândia. A décima ilha". German Translation of parts of Chapter 8 by Walter Frey in *Tranvia, Revue der Iberischen Halbinsel* (no. 15 Dec.).

(1990). "Antero de Quental no Diário de Tolstoi". *Atlântida* 32 (1987) 103-108. Reprinted in *Ínsula* nº 5

(1990). "Fernando Pessoa e Verdade(s)" in *Um século de Pessoa*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura: 195-203.

(1990). "Plutarco como possível origem do nome das Ilhas Santanazes do mapa de 1424". *Boletim IHIT* vol. 47: 75-84

(1990). "Segundo recado para Miguel Torga sobre o determinismo geográfico. A propósito da insularidade de Vitorino Nemésio". *Revista Açoriana de Cultura* 2: 89-106.

(1990). "Açores. O futuro e a doce tirania do passado", Ensaio. *Arquipélago Ciências Sociais*. Ponta Delgada, 5: 205-214

(1990). "De Roberto de Mesquita e da sua açorianidade". *Boletim da Casa dos Açores do Norte* nº 31

(1991). *Ah! Mònim dum corisco!* Teatro. 2ª ed. Ponta Delgada, Eurosigno

(1991). *No seio desse amargo mar*, peça em 3 atos. 2ª ed. Lisboa, ed. Salamandra

(1991). "Flores no aeroporto" in Fernando Venâncio: *Oefenboek Bij Boa Sorte*. Muiderberg, Holland: Dick Coutinho: 111-112 (reprint)

(1991). "Pessoa, Mensagem e o mito em George Sorel". *IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*. Secção Brasileira vol. 2. Porto: Fund. Eng. António de Almeida: 211-222.

(1991). "A questão da identidade nacional na escrita portuguesa contemporânea". *Hispania* vol. 74: 492-500.

(1991). "Portugal and the concern with national identity". *Social History Society Newsletter* 17 (Spring)

(1992). "Jorge de Sena e o Ensaio teórico" in Francisco Cota Fagundes e José N. Ornelas (org.) *Jorge de Sena: O Homem Que Sempre Foi*. Lisboa: ICALP: 211-219

(1992). "Another day (short story)", *James River Review* (Winter) 3: 16-18.

(1992). "Christmas card (short story)", *James River Review* 1 (Winter) 3: 20-21.

(1992). "Trois modes de présence européenne sur le continent américain". *Europe*. Special issue on L'Invention d'Amérique 70 (April) 756: 57-64.

(1992). "Da inevitabilidade da ética e do imperativo dialógico entre alternativas". Ensaio. *Revista de Comunicação e Linguagens*. 15-16: 51-60

(1992). "De Roberto de Mesquita e da sua açorianidade". Reprinted in *Pulsar Açoriano Oriental* 2 (janº) 26.

(1992). "Estruturas culturais profundas? - A propósito do duplo regresso dos emigrantes". *Revista da Semana Cultural das Velas* (abril): 86-90.

(1992). "Sant'Anna Dionísio e a não-participação da inteligência ibérica na criação da ciência", Ensaio in *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal séc. XX*. Lisboa. Academia das Ciências 3: 1707-1731

(1992). *Ilha em Terra*. Sel., intro. e org. João Teixeira de Medeiros Ponta Delgada, Eurosigno

(1992). *No seio desse amargo mar*, peça em 3 atos, 3ª ed. col Garajau nº 9 ed. Salamandra

(1992). "Ideas in context, cultural impositions on the thought of Silvestre Pinheiro Ferreira" in Helder Macedo, ed., *Studies in Portuguese Literature and History in Honor of Luís de Sousa Rebelo*. London: Tamesis Books: 171-179

(1992). "Prefácio" a Vamberto A. Freitas: *Pátria ao longe*. *Jornal da emigração* 2. Ponta Delgada: Eurosigno: 11-13.

(1992-1993). "Sobre o aparente renascimento de Heidegger, carta dos Estados Unidos". *Atlântida* vol. 37 nº 1, 2: 107-118.

(1992-1993). "Marx e a ideologia, ou a ideologia em Marx". *Arquipélago Ciências Sociais* nº 7-8: 135-161.

(1993). "O Ensaio teórico a la Jorge de Sena". *Colóquio-Letras* 125-126: 119-128.

(1993). Edition of Richard Beale Davies, *The Abbé Corrêa in America (1812-1820)*. *The Contributions of the Diplomat and Natural Philosopher to the Foundations of Our National Life*. Prefácio Gordon S. Wood. Posfácio Léon Bourdon. Providence. R. I. Gávea-Brown Publications.

(1993). *L'humeur dans la littérature portugaise-un bilan critique*. Archives du Centre Culturel Gulbenkian (Paris).

(1993). "Antero e as Causas, entre Marx e Weber." *Congresso Anteriano Internacional*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores: 33-43.

(1993). "Açores. O futuro e a doce tirania do passado" in Irwin Karnick, *A Trilogia Açoriana: o espírito, o povo e a terra* (Foto álbum). Ennismore. Ontário: One World Communications: 186-187

(1993). *A L(USA)lândia e a lenta osmose da assimilação. Uma década de desenvolvimento: 1983-1993*. Velas: Câmara Municipal: 12-19.

(1993). "A ideologia da Mensagem" in José Augusto Seabra, ed., *Fernando Pessoa Mensagem. Poemas Esotéricos*. Nanterre. France: col. Archivos. UNESCO: 329-33

Almeida. Onésimo Teotónio (1993). "Antero et les causes du déclin des peuples ibériques. Esquisse d'une analyse critique" in M. Lourdes Belchior, ed., *Antero de Quental et l'Europe*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais: 121-135.

(1993). "Prefácio" in Fernando Aires. *Era uma vez o tempo* vol. 3. Lisboa: Salamandra: 7-17.

(1994). *Que nome é esse. Ó Nézimo? – E outros advérbios de dúvida*, crónicas. 1ª ed. Lisboa, ed. Salamandra

(1994). "A ideologia dos factos, a subjetividade do objetivo" in Mário Mesquita e José Rebelo, eds., *O 25 abril nos Media Internacionais*. Porto: Ed. Afrontamento: 221-234

(1994). "Portugal and the concern with national identity" in Ann L. MacKenzie, ed., *Portugal: its culture influence and civilization*. Special issue of the *Bulletin of Hispanic Studies*, vol. 71 nº 1. Liverpool: University Press: 155-163.

(1995). "Ah! Mònim dum corisco" (partial reprint) in A. Oliveira, A. Bruno, M. Mesquita, S. Rocha, eds., *Papai, a sua benção! Antologia de Textos de Autores Açorianos*. Angra, DRAC. Comissão Regional Ano Internacional da Família: 249-258.

(1995). "A LUSAlândia e a lenta osmose da assimilação". *Congresso das Comunidades Açorianas*. Angra. Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas.

(1995). "Prefácio" a Irene Dias: *Jardim saudoso*. E. Providence. R.I. Casa dos Açores: 11-13.

(1995). "Açores, a aculturação entre a Europa e a América" 4º *Congresso das Comunidades Açorianas*. Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas: 381-388

(1995). "Em busca de clarificação do conceito de identidade cultural". *Livro comemorativo do 1º Centenário da Autonomia dos Açores* vol. 2. *A Autonomia no Plano Sociocultural*. Ponta Delgada: Jornal de Cultura: 65-90. Reprinted in *Supl. Açoriano de Cultura* nº 15-16 julº 27 e setº 14.

(1995) "Introdução desnecessária", introduction to the Portuguese edition of Daniel Goleman *Inteligência emocional*. Lisboa: Círculo de Leitores: 9-15: mais de dez edições.

(1995). "Das excelências axiológicas do Bremontismo". *Atlântida* vol. 40 (1ª sem.): 107-127.

- (1995). "Ideologia, revisitação de um conceito". *Revista de Comunicação e Linguagens*. Nº especial "Comunicação e Política" nº 21-22: 69-79
- (1995). "José Enes, o professor nas lembranças de um aluno." *Insulana* vol. 51: 63-73.
- (1995). "Da experiência açoriana, literária e existencial de José Enes". *Atlântida* 41 nº 2: 35-52
- (1995). "Portugal and the dawn of Modern Science" in George D. Winius, ed., *Portugal, the pathfinder: Journeys from the medieval toward the modern world. 1300-ca. 1600*. Madison, Wisconsin: 341-368
- (1996). "A ideologia da Mensagem" in José Augusto Seabra, 2ª ed., *Fernando Pessoa, Mensagem. Poemas esotéricos*. Nanterre. France: col. Archivos. UNESCO.
- (1996). "Canto da Maya. Introduction to the catalogue of the Art Exhibit of the Works of Canto da Maya". Paris: Centre Culturel Portugais, Foundation C. Gulbenkian: 8-11. Reprinted in *Supl. Açoriano de Cultura, Correio dos Açores* nº 13 julº 13, *Boletim Cultural e Informativo. Casa dos Açores do Norte* nº 35 dezº: 13-14
- (1996). "Açores, a aculturação entre a Europa e a América", 4º Congresso das Comunidades Açorianas. Angra, Gab. de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas: 381-388.
- (1996). "Distinguishing cultural identity from national character". *5th Conference of the International Society for the study of European Ideas*. University for Humanist Studies. CD-ROM. Utreque. Holanda, ago: 19-24.
- (1996). *Aforismos & desaforismos de Aparício, de José Rodrigues Miguéis*. Lisboa. Ed. Estampa
- (1996). *Aforismos & desaforismos de Aparício, de José Rodrigues Miguéis*. Lisboa. Círculo de Leitores
- (1996). "Tiquete de sepide no riàuei" in A. Veríssimo et al., eds., *O gosto das palavras*. Porto: Areal Editores: 130-133 (reprint)
- (1996). "The ideological background of Pessoa's Mensagem." *Indiana Journal of Hispanic Literatures*. Special issue on Fernando Pessoa nº 9. Fall: 225-236.
- (1996). "J. Rodrigues Miguéis - um estrangeirado que nunca foi". *Revista da Faculdade de Letras* Lisboa nº 19-20: 149-158
- (1996). "O caso do Big Dan's, revisitação seguida de algumas considerações sobre acontecimentos media made". *Arquipélago Ciências Sociais* 9-10: 161-176.
- (1996-97) "Da pátria da língua, de Pessoa e de cada qual". *Revista Faculdade de Letras* Lisboa 21-22: 15-21.
- (1997). "On the contemporary Portuguese essay" Ensaio, in Haufman, H. e Klobucka, A., eds., *After the Revolution: Twenty Years of Portuguese Literature 1974-1994*, Lewisburg, Bucknell University Press: 127-142
- (1997). "R. Hooykaas and his *Science in Manueline Style*, the place of the works of D. João de Castro in the history of science". *Ibero-Americana Pragensia* 31: 95-101.
- (1997). "Os Açores entre Portugal e os EUA. Equívocos de um período quente 1975-76" in António J. Telo: *O fim da Segunda Guerra Mundial e os Novos Rumos da Europa*. Lisboa, Cosmos: 43-60.
- (1997). "Portuguese Essay" in Tracy Chevalier, ed., *The Encyclopedia of the Essay*. London: Fitzray Dearborn Publishers: 668-671.
- (1997). "O humor (ou a ausência de) no Camilo polémico", in Isabel Pires de Lima et al., ed., *O Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras: 45-54.
- (1997). "Vergílio Ferreira" and "Eduardo Lourenço" in Tracy Chevalier, ed., *The Encyclopedia of the Essay*. London: Fitzray Dearborn Publishers: 277-8; 496-7.
- (1997). "Jacinto do Prado Coelho e a sua serena conceção de crítica literária", in Ana Hatherly e Silvina R. Lopes (org.) *O sentido e os sentidos. Homenageando Jacinto do Prado Coelho*. Lisboa. Cosmos: 57-69.
- (1997) in *After the Revolution: twenty years of Portuguese Literature 1974-1994*, Helena Kaufman, Anna Klobucka, Bucknell University Press,
- (1997). *Rio Atlântico, ensaios curtos*. Lisboa, ed. Salamandra
- (1998). In Adrian, Marsha L. McCabe & Joseph D. Thomas, eds., *Portuguese Spinner. An American Story. Stories of History. Culture and Life from Portuguese Americans in Southeastern New England*. New Bedford. Spinner Publications: 186-191.
- (1998). "On distinguishing cultural identity from national character" in Frank Brinkhuis & Sascha Talmor, eds., *Memory, history and critique: European identity at the end of the millennium*". *5th Conference of the International Society for the Study of European Ideas* at the University for Humanist Studies. Utreque. Holanda, CD-ROM.
- (1998). "Azorean Dreams" in *Portuguese Spinner: An American Story. Stories of History. Culture and Life from Portuguese-Americans in Southeastern New England*. Ed. Marsha L. McCabe & Joseph D. Thomas. New Bedford. MA: Spinner Publications: 20-29
- (1998). "Who was João T. Medeiros?". *Portuguese Spinner*. New Bedford. MA: Spinner Publications: 98-99
- (1998). "Ah Adrian", Marsha L. McCabe & Joseph D. Thomas; ed., *Portuguese Spinner: An American Story. Stories of history, culture and life from Portuguese Americans in Southeastern New England*. New Bedford, MA Spinner Publications: 186-191.
- (1998). "Aldeia ou freguesia? Gentes e o mar" in *II Semana Cultural Açoriana* nº 2: 32.
- (1998). "Duas décadas de literatura luso-(norte)americana: um balanço 1978-1998." *Veredas* 1: 327-347.
- (1998). *No seio desse amargo mar (1991) Viagens na minha era* (peça em 3 atos) 3ª ed.
- (1998). *Ah! Mònim dum corisco!* Teatro. 3ª ed. Lisboa, ed. Salamandra
- (1998). "Sobre a revolução da experiência no Portugal do séc. XVI: na pista do conceito de experiência. a madre das cousas". T. F. Earle, ed., *V Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas* vol. 3 Oxford-Coimbra: 1617-1625.
- (1998). "Tales of three cities, ou olhares sobre três comunidades na Costa Leste dos EUA na década de 20". *Arquipélago Ciências Sociais* 11-12: 505-533
- (1998). "O mistério da pedra de Dighton" in *Ah! Mònim dum corisco!* Lisboa. Salamandra col. Garajau: 81-99.
- (1999) "Introduction" to the Portuguese translation of Steven Shapin *The Scientific Revolution*, Difel: 7-12.

(1999). "No mesmo banco". Prefácio a Octávio Ribeiro Medeiros: *Urbanização humanizante*. Ponta Delgada: Câmara Municipal da Povoação: 7-12. Reprinted in *Supl. Açoriano de Cultura, Correio dos Açores*, outº 28.

(1999). "Nemésio, o humanista; ponte entre as "duas culturas" uma revisitação de *Era do Átomo, Crise do Homem* in António Machado Pires et al., eds., *Vitorino Nemésio Vinte Anos Depois. Colóquio Internacional* fevº 98. Lisboa: Ed. Cosmos e *Seminário Internacional de Estudos Nemesianos*: 535-541.

(1999). "L(USA)lândia-um olhar interrogativo sobre o futuro" in *Ponta Delgada, Cinco séculos de Concelho 1499-1999*. Ponta Delgada: Câmara Municipal: 133-141.

(1999). "The Portuguese-American communities and politics, a look at the cultural roots of a distant relationship" in Frank Fagundes, ed., *Ecos de uma viagem. Em honra de Eduardo Mayone Dias*. Providence. RI: Gávea-Brown: 229-243

(1999). "Duas décadas de literatura luso-(norte)americana: um balanço 1978-1998". Reprinted in *Supl. Açoriano de Cultura, Correio dos Açores* nº 100 novº 11.

(1999). "Various essays included in *Vida e Obra de Fernando Pessoa*". CD-ROM. Porto: Porto Editora.

(1999). "Luís de Albuquerque, the historian of science". *Bulletin international Center for Mathematics* 7: 8-9.

(1999). "Variationen über die Obsession der Identität" (trad. Orlando Grossegeesse). *Tranvia. Revue der Iberischen Halbinsel* 53: 65-67.

(1999). "A osmose literária açor-americana-o caso de *My Californian Friends*, de Vasco P. Costa" *Margem* nº 14: 16-22

(1999). "...fique a dúvida para Pedro Nunes' (D. João de Castro) sobre a cooperação entre 'cientistas' e navegadores." *Oceanos* nº 49: 9-17. Republished in Instituto Camões.

(1999). "Portugal e a aurora da ciência moderna, uma revisitação". *Anais Universidade de Évora* nº 12: 19-61.

(1999). "National identity, a revisitation of the Portuguese debate", *Nui Mainouth Papers, Spanish, Portuguese & Latin American Studies* 5 Mainouth Ireland National University

(1999). "Livros açorianos em inglês, um pequeno projeto de sobrevivência cultural," in *Jornadas 'Emigração-Comunidades'*. Lisboa. Horta: Direção Regional das Comunidades

(1999). "De Eça ao projeto de modernidade de Antero". *Estudos Anterianos. Special Issue Eça. Antero e a Geração de 70*, nº 9-10: 91-98

(1999). "William Wood, uma figura (desconhecida) da história da emigração açoriana para os EUA" in M. Simões. H. Madeira. L. C. da Rosa, org., *Textos da Diáspora. Homenagem a J. David Rosa*. Berlim. Germany: Avinus Verlag: 135-145

(1999). "A case of "Up Syndrome" in José Brites, ed., *Ronnie, a smiling life with Down Syndrome*. Rumford: Peregrinação Publications: 61-63.

(1999). "Osmose literária açor-americana: o caso de *My Californian friends*" in *Margem* 2 Funchal nº 14 dezº: 16-22

(1999). "Notas à margem sobre a imagem de Portugal" in *A Imagem de Portugal. Seminário Diplomático*. Lisboa: Instituto Diplomático: 103-121.

(1999). "Spanish and Portuguese Literature" in *Context* vol. 5 of *World Literature and Its Times. Profiles of Notable Literary Works and the Historical Events that Influenced Them*. Detroit. MI: Gale Group: 477-485.

(1999). "Escrever num mundo em permanente mudança". *Raia sem fronteiras*. Castelo Branco: Câmara Municipal: 37-41.

(1999). "Da Póvoa..." in Rui Sousa: *Imagens d'Escritas*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal: 52-53.

(1999). *Que nome é esse Ó Nézimo?* Lisboa, ed. Salamandra 2ª ed.

(2000). *SapaTeia americana*. 2ª ed. Lisboa. Salamandra.

(2000). "Identidade cultural. Conflitos solúveis e insolúveis" in Eduardo M. Dias, ed., *Portugueses na América, Estudos e Perspetivas*. Baden. Suíça: 2ª ed. Rumford: Peregrinação Publications: 39-51

(2000). "Value conflicts and cultural adjustment in North America" em Carlos Teixeira e Victor M. P. da Rosa, org., *Indices of naturalization patterns in the United States: a theory revisited*. Toronto. University of Toronto Press: 112-124

(2000). *Açores, Europa, uma antologia*, seleção, org. e intro. Angra, IAC: 355 [4]

(2000). "Prosema ao Brasil" in João Almino e Arnaldo Saraiva, eds., *Literatura Portuguesa e Brasileira*. Porto: CNCDP: 7-11. Reprinted in *Ciberkiosk, On-line Journal of Arts and Letters* n. 9 July.

(2000) "Introdução supérflua" in José F. Costa: *E da carne se fez verbo*. Lisboa: Salamandra: 5-7.

(2000). Translation of José Enes *My Philosophical trajectory* in Raul Fonet-Betancourt, ed., *World survey on the situation of Philosophy at the end of the Twentieth Century*. [s.i.]

(2001). *Viagens na minha era*. Lisboa. Temas e Debates

(2001). *Viagens na minha era*. Lisboa. Círculo de Leitores

(2001). *(Sapa)teia americana (short stories)*, ed. revista, posfácio de Frank Fagundes. Lisboa: Salamandra.

(2001). *(Sapa)teia americana (short stories)*, ed. revista, posfácio de Frank Fagundes. Lisboa: Círculo de Leitores.

(2001). "Prosema a Monhegan" in Maria Armandina Maia, ed., *Da outra margem. Antologia de Poesia de Autores Portugueses*. 2ª ed. Lisboa: Instituto Camões: 65-70.

(2001). "The tenth island and the narrowing of the bridges over the Atlantic River, A décima ilha e o estreitamento das pontes sobre o Rio Atlântico" in *Day of the Azores, O Dia da Região Autónoma dos Açores*, a bilingual edition. Ponta Delgada: Governo Regional dos Açores: 12-35. *Correio da Horta* ago 13.

(2001). "Two decades of Portuguese-American Literature: an overview" in Asela R. Laguna, ed., *The Global Impact of the Portuguese Language*. New Brunswick. NJ: Transaction Publications: 231-254.

(2001). "Uma educação para o séc. XX. Nota introdutória", in António M. Frias Martins, org., *A Investigação Portuguesa: desafios de um novo milénio*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores: 11-12

(2001). "As ilhas e os mundos. Literaturas & literaturas" in *Caminhos do mar. Colóquio* Funchal: Câmara Municipal: 187-192.

(2001). *Do tempo e de mim*. Sel., introdução e edição de João Teixeira de Medeiros 3ª ed. Lisboa: Salamandra.

(2001). Coeditor com Manuela Rêgo, *José Rodrigues Miguéis 1901-1980*. Catálogo da Exposição Comemorativa do Centenário de Nascimento. Lisboa: Câmara Municipal, intro a "José Rodrigues Miguéis, filho de Lisboa": 7 e "O espólio não cai do céu": 27-29

(2001). "Uma vida em papéis repartida", coeditor com Manuela Rêgo, org., "*José Rodrigues Miguéis*". *Colóquio* no Padrão dos Descobrimentos. Lisboa: Câmara Municipal

(2001). *José Rodrigues Miguéis, Lisboa em Manhattan*, ed. trad., alargada com posfácio. Lisboa: Ed. Estampa

(2001). "Francisco Sanches: o 'elo perdido' entre os descobrimentos e a ciência moderna". *Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias* vol. 12 2ª series (Spring): 221-229.

(2001). "Francisco Sanches, the 'lost link' between the discoveries and modern science". *Science in Portugal*. Centro Virtual Camões

(2001). "Identidade nacional, algumas achegas ao debate português". *Semear* nº 5: 151-165

(2001-2004) "Coração despedaçado a morrer devagar, da experiência americana de J. Martins Garcia". *Arquipélago Línguas e Literaturas* vol. 17: 29-46.

(2003). "A propos de la Lusophonie: ce que la langue n'est pas" in Francisco Bethencourt, ed., *Lusophonie et Multiculturalisme*. Paris: Archives du Centre Culturel Calouste Gulbenkian: 139-145

(2003). "José Rodrigues Miguéis, Antero e a crise chamada Portugal". *Estudos Anterianos* 11-12 abr-out: 43-53.

(2003). "Livros açorianos em inglês, um pequeno projeto de sobrevivência cultural" in I *Jornadas 'Emigração, Comunidades'* Lisboa Reprinted in *SAAL, Saber* nº 4: 7-8

(2003). "A propósito de Lusofonia: o que a língua não é" in Carlos Ceia, Isabel Lousada e M. João R. Afonso, eds., *Estudos Anglo-Portugueses. Livro de Homenagem a Maria Leonor M. Sousa*. Lisboa: Ed. Colibri: 545-551. Reprinted in *SAAL Saber* nº 8: 4-7.

(2003). "A osmose literária açor-americana-o caso de *My Californian Friends*, de Vasco P. Costa". Reprinted in *SAAL, Saber* 4 nº 9: 9-11

(2003). "Os descobrimentos e a emergência da ciência moderna, revisitando um decantado tema". *Boletim da Academia Internacional de Cultura Portuguesa* nº 30: 259-273

(2003). "A mundividência saramaguiana ou a coerência na busca da materialização da ordem necessária" in M. L. Sousa et al. *Em Louvor da Linguagem. Homenagem a M. L. Buescu*. Lisboa: Ed. Colibri: 23-30. Reprinted in *SAAL* 1 nº 1: 4-6

(2003). "Jean Baudrillard, uma apressadíssima visão da América". M. L. M. Sousa, ed., *Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses. FCSH: 663-669. Partially reprinted in *SAAL Saber* 4 nº 7: 4-6

(2003), com A. Canas, L. M. Carolino e J. C. Brigola: *Dois vultos portugueses nos alvares da modernidade científica*. Évora. Universidade de Évora (parcialmente publicado no site do Instituto Camões).

(2003). "Chegam novas do Brasil!". Prefácio Luiz A. Assis Brasil: *Escritores Açorianos: a viagem de retorno*. Lisboa: Salamandra: 9-12 Reprinted in *SAAL Saber* 5 nº 11: 9

(2003). "José Enes, o professor nas lembranças de um aluno". Partially reprinted in *Boletim da Casa dos Açores da Nova Inglaterra* vol. 1 nº 21 novº-dezº:17.

(2003). "Vitorino Nemésio, corsário das ilhas: travels in his land". *Portuguese Literary & Cultural Studies* 11 (Fall): 291-301.

(2003). "Nemésio, corsário das ilhas: viagens na sua terra". *Revista da Universidade Autónoma*.

(2003). "Responsabilidade nos media" in Mário Mesquita, ed., *Os Media e a Transmissão dos Saberes*. Lisboa: Cosmos.

(2004). "De Eça ao projeto de modernidade de Antero". *Estudos Anterianos*. Partially reprinted in *SAAL, Saber* 5 nº 22: 4-6

(2004). *Que nome é esse Ó Nézimo?* 2ª ed. Lisboa. Círculo de Leitores

(2004). *Onze prosemas e um final merencório*. Vila Nova de Gaia. Ausência.

(2004). "Saudades frutuozas", prefácio a Alfredo da Ponte: *Os Fusíadas, apontamentos sobre a Ribeira Grande, sua história e sua gente*, vol. 2, Fall River. MA: Casa dos Açores da Nova Inglaterra: 5-7.

(2004). "Irmãos Côrte-Real-os mitos e os factos e a sua importância identitária". Luís Arruda, ed., *O Faial e a Periferia Açoriana nos sécs. XV a XX*. Horta: 37-43.

(2004). "Esquilo erudito" in Fernando Venâncio: *Crónica Jornalística séc. XX*, Lisboa: Círculo de Leitores: 317-318.

(2004). "O ensaio de Vergílio Ferreira" in Maria Joaquina Nobre Júlio, ed., *In Memoriam de Vergílio Ferreira*. Partially reprinted in *SAAL, Saber* 5 nº 17: 17-19

Almeida. Onésimo T. (2004). "Identidade nacional-algumas achegas ao debate português". Partially reprinted in *SAAL Saber* 5 nº 19: 19-21

(2004). "Vergílio Ferreira e o humor em Eça de Queirós-a propósito do conceito de humor na literatura portuguesa". *Estudos Anterianos* 13-14 (abr-outº): 9-66

(2004). "O(s) Adrianos" in Francisco C. Fagundes: *Um passo mais no Português Moderno: gramática avançada, leituras, composição e conversação*. North Dartmouth: Center for Portuguese Studies and Culture. UMass Dartmouth: 635-656.

(2004). "A cidade e as ilhas-valores e escolhas" in M. A. Homem, ed., *Escritores e Cidades*. Funchal: Câmara Municipal: 125-129. Partially reprinted in *SAAL Saber* 5 nº 12: 4-6

(2004). "Identidade nacional-a doce tirania do passado" in Orlando Grossegeesse, ed., *O estado do nosso futuro: Brasil e Portugal entre identidade nacional e globalização*. Berlim: *Tranvia*: 10-24

(2004). "Saudade e saudosismo, uma revisitação da polémica entre António Sérgio e Teixeira de Pascoaes". *Via Atlântica* nº 7: 131-145

(2004). "José Rodrigues Miguéis, Antero e a crise chamada Portugal". Partial reprint *SAAL Saber* 5 nº 15: 4-6.

(2004). "José Rodrigues Miguéis, Antero e a crise chamada Portugal" in M. C. Ribeiro. J. Perkins, P. Rothwell, eds., *A primavera toda para ti. A tribute to Helder Macedo*. Lisboa: Ed. Presença: 235-242. Reprinted in *SAAL Saber* 5 nº 15: 4-7.

- (2005). "Lusofonia, some thoughts on language in language communities or cultural empires? The impact of European languages in former colonial territories". Berkeley. CA: Institute of European Studies (May 21) Paper 050521.
- (2005). "Língua e mundividência, uma revisitação da hipótese de Sapir-Whorf" in *Gramática e Humanismo. Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres* vol. 1. Braga: Faculdade de Filosofia: 93-111.
- (2005). "Posfácio, Eduíno de Jesus: nota biobibliográfica e alguma fortuna crítica", in Eduíno de Jesus: *Os Silos do Silêncio. Poesia 1948-2004*. Lisboa: IN-CM: 349-366. Partially reprinted in SAAL vol. 6 33: 4-8
- (2005). *Advertência em prefácio a Machado Ribeiro. Retalhos da Alma*. San José. CA: PHPC: 6-7.
- (2005). "Cristóvão de Aguiar e algumas das suas ralações de bordo" in Ana Paula Arnaut, org. *Homenagem a Cristóvão de Aguiar. 40 Anos de vida Literária*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: 182-185.
- (2005). "Portuguese-American literature: some thoughts and questions." *Hispania* vol. 88 nº 4: 733-738.
- (2005). *Portuguese Encyclopedia of New England*, ed. Burt Feintuch & David H. Watters. New Haven Yale University Press: 395-397.
- (2005). "Over the clouds" (trad. George Monteiro). *Atlantis* 25 nº 2 (May-June): 98-99
- (2005). *Mensagem, uma revisitação à luz da interminável torrente do espólio*, documento eletrónico [s.i.]
- (2005), coeditor com Alice Clemente, George Monteiro: *The discrete charm of a Portuguese-American Scholar*. Providence. RI. Gávea-Brown
- (2005-2006), "Of José Blanco, Gulbenkian and Brown". *Gávea-Brown* 24-5: 31-35.
- (2006). "Escrita em autodiagnóstico", in Maria da Penha Campos Fernandes: *História(s) da Literatura*. Coimbra, Almedina: 538-542.
- (2006). "A natureza humana e inovações: um argumento contra o determinismo biológico." *Revista Portuguesa de Humanidades* vol. 10: 421-430.
- (2006). "SapaTeia Americana". Tradução parcial por David Brookshaw: *Tales from the tenth island*. Bristol. UK. Seagull-Faoilán.
- (2006). "Pedro da Silveira: uma homenagem em três andamentos". *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* vol. 15: 39-49
- (2006). "José Enes e a autonomia da arte: uma injustamente tardia revisitação" in J. L. Brandão da Luz, ed., *Caminhos da pensamento. Estudos em homenagem ao Professor José Enes*. Lisboa: Ed. Colibri, Universidade dos Açores: 29-42. Partially reprinted *Arquipélagos do Desejo*. Funchal: Deptº de Cultura, Câmara Municipal do Funchal: 100-110.
- (2006). "Línguas, pátria de uma língua expatriada" in Maria da Penha Campos Fernandes, org., *História(s) da Literatura*. Coimbra: Almedina: 29-38.
- (2006). "Contrarregras" in *Margem* 2. Funchal nº 21 abril: 41-43
- (2006). "At home with the safety belt on" in Teresa Alves and Teresa Cid, eds., *From the edge. portuguese short stories*. University of Lisbon Centre for English Studies: 109-123 (Trad. John Elliott)
- (2006). "On Lusofonia: an expatriate language as mother tongue" in Anthony Soares, ed., *Towards a Portuguese Postcolonialism*, a special issue of *Lusophone Studies* nº 4. Bristol. UK: Department of Hispanic. Portuguese & Latin American Studies: 79-90
- (2006). *Livro-Me do desassossego*. Lisboa: Temas e Debates.
- (2006). Prefácio a "Concerto internacional": Américo Teixeira Moreira e Gabriela Silva: *Concerto a quatro mãos*. Porto: Ed. Triunvirato: 7-10.
- (2006). "Lusofonia e modernidade, antigos conflitos e atuais desafios". 5º *Colóquio da Lusofonia*. Ribeira Grande. Açores
- (2006). "O fu(tu)ro das Humanidades na universidade portuguesa". *Boletim da Academia Internacional de Cultura Portuguesa* n. 33: 143-149.
- (2006). "Modernidade, pós-modernidade e outras nublosidades". *Cultura, História e Filosofia* 22: 49-69.
- (2007). "Sobre o peso da geografia no imaginário literário açoriano" in Jane Tutikian e Luiz Antônio de Assis Brasil, eds., *Mar horizonte, literaturas insulares lusófonas*. Porto Alegre: PUC, Rio Grande do Sul: 23-32.
- (2007). "A comunidade açor-americana e a universidade". *AndarILHagem* nº 1: 34-37
- (2007). In *Leiamos hoje morreremos amanhã* de Carlos Tomé. Os meus Livros 6, nº 55: 44-45
- (2007). "Stormy isles: an Azorean tale by Vitorino Nemésio" in Joyce Moss, ed., "Pessoano" in Stephen Dix e Jerónimo Pizarro, eds., *A arca de Pessoa. Novos ensaios*. Lisboa: ICS: 203-216
- (2007). "The Azores and their place in the Portuguese cultural scene". *Lusophone Studies*. Special issue edited by John Kinsella and Carmen R. Vilar "Mid-Atlantic Margins. Transatlantic Identities: Azorean Literature in Context" 5 (July): 19-30.
- (2007). "Quase criação ex nihilo". Prefácio a Duarte Mendonça: *Da Madeira a Nova Bedford. Um capítulo ignorado da emigração portuguesa nos EUA*. Funchal: DRAC: 15-16
- (2007). "Darwin e os Açores, das referências às ilhas à receção da sua teoria no arquipélago" in *O Faial e a Periferia Açoriana*. IV *Colóquio*, Horta: *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*: 521-538.
- (2007). "On the Portuguese struggle for modernity, the weight of the past at home and abroad" in Irene Blayer and Frank Fagundes, eds., *Tradições portuguesas, Portuguese traditions: in honor of Claude L. Hulet*. San Jose. CA: PHPC: 449+
- (2007). "O Professor Dr., von Igelfeld e outros "products of Portugal", um retrato simbólico de uma certa imagem nossa no exterior" in Otilia Martins: *Portugal e o Outro: imagens. mitos e estereótipos*. Aveiro: CLC - Universidade de Aveiro: 23-30
- (2007). *Aventuras de um nabogador & outras estórias-em-sanduíche*. 1ª ed. Lisboa: Bertrand Ed.
- (2007). *Aventuras de um nabogador & outras estórias-em-sanduíche*. 2ª ed. Lisboa: Bertrand Ed.
- (2007). "Paradigma perdido? – O confronto do Portugal da Contrarreforma com a modernidade" in José Eduardo Franco e Hermínio Rico, eds., *Padre Manuel Antunes (1915-*

1985). *Interface entre Portugal e Europa. Colóquio de Homenagem ao Pe. Manuel Antunes*. Porto: Campo das Letras: 146-162.

(2008). "Sena Freitas e o evolucionismo darwinista" in Luís Machado de Abreu, José Eduardo Franco, Anabela Rita e Jorge Croce Rivera: *Homem de palavra, Padre Sena Freitas. Estudos inéditos e autobiografia*. Lisboa: Roma Ed: 283-293.

(2008). "L(USA)land. the tenth island" and "Our communities and access to higher education" in Tony Goulart, ed., *Capelinhos: A Volcano of Synergies. Azorean Emigration to America*. San Jose. CA: PHPC: 131-136; 211-215.

(2008). "Sobre o peso da geografia no imaginário literário açoriano" in *Mar horizonte, literaturas insulares lusófonas* de Jane Tutikian e Luiz Antônio de Assis Brasil. EDIPUC. RS. Brasil

(2008). "Value conflicts and cultural adjustments in North America". 2ª ed. in Carlos Teixeira and Victor P. da Rosa: *The Portuguese in Canada*. Toronto University Press: 255-268

(2008). "A propósito de Lusofonia: o que a língua não é" in Carlos Ceia, Isabel Lousada e M. João R. Afonso, eds., *Estudos Anglo-Portugueses. Livro de Homenagem a Maria Leonor M. Sousa*. Reprinted in expanded version in Miguel Jasmunes Rodrigues, (org.), *Futuro e História da Lusofonia Global*. Lisboa: IICT: 195-204

(2008). "Do (re)conhecimento da ignorância como saudável atitude fundacional" in Victor Trindade, Maria Nazareth Trindade e Adelinda Araújo Candeias, eds., *A Unicidade do conhecimento*. Coimbra: Quarteto Ed: 13-28.

(2008). "Quanto vale um pioneiro". Prefácio a Francisco Cota Fagundes: *No vale dos pioneiros*. Praia da Vitória: Câmara Municipal: 11-16.

(2008). "Devolvido à sua terra". "Prefácio à obra científica de Francisco de Arruda Furtado", introdução, levantamento e estudo de Luís M. Arruda. Ponta Delgada: ICPD: 7-14

(2008). "Out of Africa". Prefácio a Rui Balsemão da Silva: *A voz de dentro*. Victoria. BC: Pritonium Bookworks: 11-14.

(2008). "O jardim como extensão da casa-do-estar, uma amostra luso-americana" in José Eduardo Franco e Ana Cristina da C. Gomes, ed., *Jardins do m undo. Discursos e práticas*. Lisboa: Gradiva: 301-307.

(2008). "Cânone, cânones em reflexões dialogadas" with Leonor Simas-Almeida. *Veredas* nº 10: 165-171

(2008). "Fernando Pessoa and Antero de Quental (with Shakespeare in between)". *Portuguese Studies*. Special issue on Fernando Pessoa vol. 24 nº 2: 51-68

(2008). "O verbo e a verve de Mons. José Machado Lourenço: aulas que o vento não levou". *Atlântida* vol. 58: 19-34.

(2008). "Science during the Portuguese maritime discoveries, a telling case of interaction between experimenters and theoreticians" in Daniela Bleichmar, Paula de Vos, Kristin Huffine & Kevin Sheehan, eds., *Science in the Spanish and Portuguese Empires 1500-1800*. Palo Alto. CA: Stanford University Press: 78-92; 348-351.

(2008). "Stormy isles: an Azorean tale by Vitorino Nemésio" in Joyce Moss, ed., *Pessoano* Stephen Dix e Jerónimo Pizarro, eds., *A arca de Pessoa*. Novos Ensaios. 2ª ed. Lisboa: ICS.

(2009). "O ensaio de Eduardo Lourenço: Existo, logo penso (e sinto)". Ed. especial "Eduardo Lourenço 85 anos" *Colóquio-Letras* nº 170 (janº-abril): 113-117.

(2009). "José Bruno Carreiro, homem de cultura-ou sobre o biógrafo e os subsídios para uma biografia de Antero de Quental," ed. especial: *José Bruno Carreiro. O homem e a obra Insulana* vol. 65: 85-94

(2009). "Media made events: revisiting the case of Big Dan's" in Kimberly da Costa Holton e Andrea Klimt, org., *Community, Culture and the Makings of Identity: Portuguese-Americans Along the Eastern Seaboard*. Dartmouth. UMass Dartmouth: 247-264.

(2009), coeditor com Leonor Simas-Almeida: *Eduíno de Jesus, a ca(u)sa dos Açores em Lisboa. Homenagem de amigos e admiradores*. Angra: IAC.

(2009). *De Marx a Darwin: a desconfiança das ideologias*. Lisboa ed. Gradiva. Prémio 2010 Seeds of Science para Humanidades e Ciências Sociais

(2009). "Prefácio" em Daniel Melo e Eduardo Caetano da Silva, org., *Construção da nação e associativismo na emigração portuguesa*. Lisboa. ICS.

(2009). "Companheiros de jornada" in Resendes Ventura: *Papel a mais. Papéis de um livreiro com inéditos de escritores*. Lisboa: Esfera do Caos: 185-188.

(2009). "João Medina e os naufragos do Mar da Palha" in António Ventura et al., eds., *João Medina. Pensar e sentir a história*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa: 43-46

(2009). "Jorge de Sena estrangeirado, ou era-lhe apertada a camisa da pátria? in Francisco C. Fagundes e Jorge Fazenda Lourenço, (org.), *Jorge de Sena. Novas perspectivas 30 anos depois*. Lisboa: Universidade Católica Ed: 323-329.

(2009). *Over the clouds*. The Prairie Schooner

(2009). "Comunidades portuguesas dos EUA: identidade, assimilação, aculturação" em A. T. de Matos e M. Lages, (org.), *Portugal. Percursos de interculturalidade: desafios à identidade*. Lisboa ACIDI: 339-422.

(2009). *Quando as correntes engatinhavam. Dez anos de Correntes de Escritas*. Póvoa de Varzim.

(2009). *Viana do alto de Santa Luzia. Viana a várias vozes*. Viana do Castelo: Câmara Municipal: 387-389.

(2009). "Prefácio" a P. Alfredo Vieira de Freitas: *Impressões de uma viagem à América*. Ed. revista e comentada por Duarte Barcelos Mendonça. Santa Cruz. Madeira: Câmara Municipal: 7-8.

(2009). "As receitas do Dinis". Prefácio a Dinis Paiva: *Cozinha com peso e medida*. Fall River. MA: Express: 5-7.

(2009). "Cac(o)fonía em dói menor". Prefácio a André Moa: *Mau tempo no canal*. Lisboa: Quid Novi: 13-19

(2009). "Umas linhas a abrir". Prefácio a J. Carlos Tavares: *Fajã de Cima. Memória da terra e da sua gente*. Ponta Delgada: Nova Gráfica: 5-7.

(2009). "Da nossa diáspora". Prefácio a Daniel Melo e Eduardo Caetano da Silva, (eds.), *Construção da nação e associativismo na emigração portuguesa*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais: 15-19.

- (2009). "Prólogo" a Fátima Martins: *América*. San José. CA: PHPC Inc: 13
- (2009). "Identidade cultural: desdobrando polissemias em busca de clareza" in Hermenegildo Fernandes, I. Castro Henriques, J. Silva Horta e Sérgio Campos Matos, eds., *Nação e identidades. Portugal, os portugueses e os outros*. Lisboa: Caleidoscópio: 51-63
- (2010). "Açorianidade, prolongando antigas reflexões" in Berta Miúdo e Gabriela Castro, eds., *Reflexão sobre Mundividências da Açorianidade*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores: 45-58.
- (2010). "Um Pico de sonho", in Nuno Costa Santos: *O Sonho*, Companhia das Ilhas
- (2010). "Da ficção embrulhada na vida e vice-versa em nota de abertura". "Prefácio" a Maria Marado: *A Magia dos encontros e reencontros*. Aveiro: Casa da Cultura: 5-7
- (2010). "A autodescoberta de uma europeia na América-ou quando Natália Correia descobriu que era Natália" in M. Fernanda Abreu: *Natália Correia, A Festa da escrita*. Lisboa: Colibri: 35-51
- (2010). "A minha lista de listas. Ou amostras da" in João Pombeiro: *O livro das listas*. Lisboa: Quetzal: 151-156.
- (2010). "O calor dos sorvetes" in Aida Baptista, Manuela Marujo, eds., *Passos de nossos avós*. Ponta Delgada: Publiçor: 109-111.
- (2010). "Postal de Boas Festas", reprinted in *Na noite de Natal. Textos escolhidos*. Seleção e Organização de J. Leon Machado. Kindle Edition.
- (2010). "Fernando Pessoa, uma conceção pragmática de verdade". *Letras Com Vida* nº 2 (2º sem.): 100-104.
- (2010). "Manuel Pereira Medeiros, um livreiro Honoris Causa pela Universidade Sénior de Setúbal". *Insulana*
- (2010). "Saramago, o bicho harmonioso" in Fundação José Saramago, ed., *Palavras para José Saramago*. Lisboa: Caminho: 343-344. Reprinted from *LER Livros & Leituras* nº 93, 2ª série (jul. ago): 65
- (2010). *O peso do hífen. Ensaios sobre a experiência luso-americana*, ed. ICS da Universidade de Lisboa
- (2010). "Mensagem em três tempos para a Maria Aurora" in Thierry Proença dos Santos, org., *Leituras e afetos: Homenagem a Maria Aurora Carvalho Homem*. Vila Nova de Gaia: Exodus: 69-71
- (2010). "Diáspora e emigração, sobre as comunidades portuguesas dos EUA e Canadá" in J. Carlos Vasconcelos e J. Luís Dicenta, org., *Língua portuguesa e culturas lusófonas num universo globalizado*. Lisboa: União Latina, Fundação Calouste Gulbenkian: 85-93.
- (2010). *Açores, Europa, uma antologia*. Seleção, org. e introdução. DRAC e Angra: IAC.
- (2011). "O jovem Vergílio Ferreira em tête à tête com Sartre", Petar Petrov and Marcelo Oliveira, eds., *A primazia do texto. Ensaios em homenagem a Maria Lúcia Lepecki*. Lisboa: Esfera do Caos: 397-402.
- (2011). "The garden as an extension of the self-in-the-world-a Luso-American sample" in J. E. Franco, A. C. C. Gomes, B. E. Cieszynska, eds., *Gardens of Madeira, gardens of the world*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing: 226-234.
- (2011). "Una comunidad insular" and "Sobre el peso de la geografía en el imaginario literario azoréño" in Juan Carlos de Sancho, ed., *Las Islas de los Secretos. As Ilhas dos Segredos*. Las Palmas. Gran Canaria: Anroart Ediciones: 15-17; 123-145.
- (2011). "Valores e ideologia do salazarismo, ou o imaginário de duas gerações escolares" in Irene Tomé, M. Emília Stone, M. Teresa Santos, eds., *Olhares sobre as mulheres. Homenagem a Zília Osório de Castro*. Lisboa: Centro de Estudos de Sociologia da Nova: 435-442
- (2011). "Usos e abusos do conceito de açorianidade" in *Açores, açorianos, açorianidade 1989. Um espaço cultural*. 2ª ed. revista e ampliada. Angra IAC
- (2011). "Experiência a madre das cousas, experience, the mother of things on the revolution of experience in 16<sup>th</sup> century Portuguese maritime discoveries and its foundational role in the emergence of the scientific worldview", in Maria Barbara and Karl A. E. Enenkel, eds., *Portuguese Humanism*. Leiden. Holland: Intersections Book Series, Brill: 381-400
- (2011). "De partes (de África) não se faz um todo". *Letras com(n)Vida* nº 4 2º sem: 88-94.
- (2011). "Vitorino Nemésio, entre a geografia e a história". *Relâmpago Revista de Poesia* nº 28: 138-141.
- (2011). "Açores, Europa e a modernidade". *Boletim IHIT*
- (2011). "Da fugaz e distante presença americana na escrita de J Martins Garcia, um manso temporal na imitação da vida" in *O Faial e a periferia açoriana nos sécs. XV a XX. Boletim do Núcleo Cultural da Horta*: 163-175
- (2011). *Onésimo, português sem filtro, uma antologia*. Posfácio de Miguel Real, ed. Clube do Autor
- (2011). In Miguel Real. "Onésimo Teotónio Almeida, a afirmação da modernidade" capítulo "O pensamento português contemporâneo 1890-2010". Lisboa: IN-CM: 966-1003.
- (2011) com Leonor Simas-Almeida e Maria João Ruivo, org., *Fernando Aires-Era uma vez o seu tempo*. Ponta Delgada, ICPD
- (2011). "Selected Crónicas", translated by Rex P. Nielson in Robert Henry Moser & António Luciano A. Toste, eds., *Luso-American Literature: writings by Portuguese-Speaking authors in North America*. New Brunswick. NJ: Rutgers University Press: 136-141
- (2011). "Como se fosse um prefácio", in João M. Constância: *Sumários. Revisões. Memórias de um professor*. Ponta Delgada: ICPD
- (2011). "Por ares nunca dantes" (short story) in *O Prazer da Leitura*. Lisboa: Teodolito, FNAC: 37-62
- (2011) in *Bilingual Anthology of Contemporary Azorean Writers, Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos*, de Helena Chrystello e Rosário Girão, trad. Chrys Chrystello. AICL, *Colóquios da Lusofonia*. Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras: 170-187.
- (2012). *Jean-Charles, amor de calções*. Lisboa: DN, Contos Digitais Series
- (2012). "O Abade Correia da Serra nos EUA e a sua ligação com os iluministas americanos" in *Novos trilhos de pesquisa. Barroco, ilustração e romantismo e a sua irradiação na atualidade*, org. Dept.º de Português, Fac. Letras Universidade Eötvös Loránd de Budapeste, Associação Internacional dos Lusitanistas

(2012) in *“Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos”* de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia

(2012). “O labirinto da identidade, ou sobre Eduardo Lourenço e as suas razões”. *Correntes d’Escritas* 11 (fevº): 60-65.

(2012). “Identidade, considerações à porta de casa, thoughts for home consumption”. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* nº 21: 17-26

(2012). “Identidade nacional face à modernidade europeia, algumas destrições conceituais, confrontos e ajustamentos” in José Gama, ed., *Cultura portuguesa, interculturalidade e lusofonia*. Braga: Universidade Católica Portuguesa.

(2012). “Sobre a mundividência de Fernando Pessoa ortónimo” in Peter Petrov, Pedro Q. Sousa, Roberto Samartino e Elias Torres Feijó, eds., *Avanços em literatura e cultura portuguesas, de Eça de Queirós a Fernando Pessoa*, Santiago de Compostela: Através Ed: 221-232.

(2012). “Enlightenment’s Wake? or the condemnation to modernity as the only exit for a European identity” in Teresa Pinheiro, Beata Cieszynska and J. Eduardo Franco, eds., *Ideas of-for Europe: an interdisciplinary approach to European identity*. Frankfurt am Main: Peter Lang: 381-388.

(2012). “O conceito de natureza humana, breve revisitação do debate contemporâneo”. *Revista Portuguesa de Filosofia* vol. 68 nº 4: 643-656.

(2012), com Otilia Pires Martins, ed., *Eugénio Lisboa: vário, intrépido e fecundo, Uma homenagem*. Guimarães: Opera Omnia.

(2012). *Utopias em Dói Menor, conversas transatlânticas com Onésimo*, conduzidas por João Maurício Brás. Lisboa: Gradiva

(2013). “Esta foto evoca em mim...” in Rodrigo Sá da Bandeira, org., *Sonhos*. Lisboa: Chiado Ed: 26.

(2013). “Prosema ao mar” in *Antologia de Autores Portugueses sécs. XX e XXI*. Lisboa: Feira Internacional de Lisboa

(2013), “Prosema al mar” in *De La Orilla del Atlántico, Portugal en la Filbo, Antologia*. Bogotá Lisboa: 209-213.

(2013). “S. Jorge, the unknown island”. Trad. Katharine F. Baker. Comunidades-RTP outº.

(2013). *Quando os bobos uivam*. Clube do autor

(2013). «Portugal: a glance at a long history» in Miguel Amado, org. Joana Vasconcelos, Trafaria Praia. 55<sup>th</sup> International Art Exhibition. La Biennale di Venezia, Paris: Éditions Dilecta: 21-25. French translation. *Portugal: coup d’œil sur une longue histoire*: 178-181

(2013). “Le labyrinthe de l’identité-ou sur Eduardo Lourenço et ses raisons” in Graciette Besse, org., *Eduardo Lourenço et la passion humaine*. Paris: Éditions Convivium Lusophone: 99-111.

(2013). “Fernando Pessoa, ironia, mas não só” in Gabriel Magalhães & Fátima F. da Silva, org., *El Dret Al Futur, O direito ao futuro*. V. N. Famalicão: Ed. Húmus: 47-52.

(2013). “O humor na literatura portuguesa-um balanço crítico” in Laura Areias, ed., *De Lisboa para o mundo: ensaios sobre o humor luso-hispânico*. Lisboa; CLEPUL.

(2013), excertos “No seio desse amargo mar” in Helena Chrystello e Lucília Roxo, org., *Coletânea de Textos Dramáticos de Autores Açorianos*. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia: 91-109

(2013). “Jorge de Sena, José Rodrigues Miguéis, Alberto de Lacerda e outros escritores lusos exilados (asilados?) no universo norte-americano” in Irene Blayer, Francisco C. Fagundes, Teresa Cid e Teresa Alves, ed., *Portugal pelo mundo disperso*. Lisboa: Tinta da China: 215-229.

(2013). “O despertar do Iluminismo ou a condenação à modernidade como a única saída para a identidade europeia” in J. Eduardo Franco, Béata Cieszynska, Teresa Pinheiro, org. *Repensar a Europa: Europa de longe, Europa de perto*. Lisboa: Gradiva: 75-84

(2013). «Estrangeirados. Iluminismo. Enlightenment-uma revisitação de conceitos no contexto português» in Raquel Bello Vázquez & E. Torres Feijó, ed. *Novos trilhos de pesquisa. Barroco, ilustração e romantismo e a sua irradiação na atualidade: 1580-1834*. Santiago de Compostela.

(2013). “Manoel da Silveira Cardozo (1911-1985), um historiador picoense nos Estados Unidos”. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* nº 2213: 123-136.

(2013). “Sobre universo literário luso-americano atual, de osmose interseções e diferenças”. *International Journal of the Portuguese Diaspora*

(2013). “Explicação em jeito de prefácio”. Portuguese edition of Richard Beale Davis: *O Abade Correia da Serra na América*. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais: 9-12.

(2013). “Prefácio” a Fernanda Viveiros, ed., *Memória: anthology of Portuguese Canadian writers*. Vancouver: Fidalgo: 7-19

(2014). *Pessoa, Portugal e o futuro*. Lisboa. Gradiva

(2014). *Despenteando parágrafos*. Lisboa ed. Quetzal

(2014). *Mínima Azorica. O meu mundo é deste reino*. Ensaio. Lajes do Pico, ed. Companhia das Ilhas

(2014). “O angrense Alfredo de Mesquita: um Tocqueville português”, prefácio a Alfredo de Mesquita: *A América do Norte*. Lisboa: Tinta da China: 13-36.

(2014). *Onze prosemas e um final merencório*. 2ª ed., Braga, ed. Vercial

(2014). “Prefácio” a Georges da Costa: *Esthétique et éthique d’ironie chez José Rodrigues Miguéis*. Paris.

(2014). “Prefácio” a *Prosa com dentro* de Tomaz de Figueiredo. Pedra D’Armas. Guimarães: Opera Omnia: 7-9.

Almeida. Onésimo Teotónio, (2014) com Lélia Nunes, “Prefácio” a Sérgio Costa Ramos: *Molecagens vernáculas: crônicas de um país crônico*. Florianópolis. Santa Catarina: Ed. UNISUL.

(2014). “A note: João. You are a good guy! on João Ubaldo Ribeiro”. Trad. Katharine T. Baker. Comunidades-RTP julº 30.

(2014). “José Rodrigues Miguéis, escrevente de primeira classe” in Humberto Lima de Aragão Filho, ed., *Um exílio chamado saudade: antologia sobre José Rodrigues Miguéis*. S. Paulo. Ed. Intermeios: 129-134.

(2014). "José Enes, a geografia (a montanha do Pico) e o seu percurso histórico". VI Colóquio O Faial e a Periferia Açoriana nos sécs. XV a XX. Boletim do Núcleo Cultural da Horta

(2014). "O exílio na poética de José Martins Garcia". *Colóquio-Letras*: 188-197.

(2014). "O pessimismo derrotista inimigo fatal da cidadania". *Atlântida* vol. 59: 19-24.

(2014). "Alice in Libraryland" trad. Katharine F. Baker. Comunidades-RTP set<sup>o</sup> 7.

(2014) in *Onésimo, único e multimodo* de Brás, João Maurício, org., ed., Opera Omni. Guimarães

(2015) in Brás, João Maurício: *Identidade, valores e modernidade. O pensamento de Onésimo Teotónio Almeida*, ed. Gradiva

(2015). "Portugal en los labores de la modernidad científica (s. XVI) " in Isabel Soler, ed., *Fronteras de tres océanos: viajes renacentistas desde Portugal*. Bogotá: Ed. Uniandes

(2015). "O mito na Mensagem de Fernando Pessoa" in Edvaldo Bergamo, ed., *Pessoa Convida pessoas nos 80 Anos de Mensagem*. Universidade de Brasília

(2015). *J. Medeiros Ferreira, nota de rodapé para um balanço. Homenagem a J Medeiros Ferreira*. Lisboa: Tinta da China.

(2015). *Despenteando parágrafos. Ensaios polémicos*. Lisboa: Quetzal

(2015). "Ei-los que partem...". Prefácio a Tiago Salazar: *Quo Vadis? Escritos do exílio*"

(2015) with José Mariano Gago. "Prefácio a quatro mãos" in Manuela Bairos: *Cinco anos de postais portugueses e luso-americanos 2004-2009*. Boston. MA.

(2015). "Prefácio, or a short introduction to an unknown world" in João de Melo: *Happy people in tears* (a novel). Dartmouth: Tagus Press: 9-12.

(2015). "Açores. Cultura", in J. Eduardo Franco, ed., *Dicionário Enciclopédico Madeirense*. Funchal

(2015). "Vergílio Ferreira e o humor em Eça de Queirós" in A. Campos Matos, ed., *Dicionário de Eça de Queirós*. 3<sup>a</sup> ed. Lisboa: Caminho

(2017). *A obsessão da Portugalidade, Lisboa*, Quetzal Editores

Atualização da bibliografia em <https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>

No 5<sup>o</sup> colóquio da lusofonia (1<sup>o</sup> encontro açoriano na Ribeira Grande em 2006) Onésimo (que fez um desvio entre a Horta e Terceira) falou de Identidade açoriana - sobre algumas complicações do termo.

*Retomando um tema que tenho vindo a tratar há mais de trinta anos, aproveitarei a oportunidade para focar algumas facetas dos termos "identidade" e "açoriana" que, a meu ver, beneficiariam de alguma atenção das considerações que sobre eles frequentemente se vêm escritas*

*ou se ouvem. A intenção será, longe de entrar em questões académicas e excessivamente teóricas, lançar um olhar pragmático sobre o tema.*

*A série de transformações ocorridas nas últimas décadas na língua portuguesa, nomeadamente pela absorção de uma vasta gama de vocabulário anglo-americano, é um sinal revelador de que algo mais profundo ocorre a nível mais profundo na cultura portuguesa e de que as manifestações linguísticas são apenas um reflexo.*

*A decantada questão da modernidade adiada pelo alinhamento de Portugal na Contrarreforma, no sentido inverso da modernidade então nascente, será aqui retomada para se avaliar até que ponto as duas visões do mundo se ajustam ou desajustam de modo a identificar-se os conflitos inerentes e as possibilidades de harmonização.*

Posteriormente escreveria em 30/05/2006

*Caro Chrys Chrystello:*

*Muito obrigado pelo envio do artigo de O Primeiro de Janeiro. Não é todos os dias que um colóquio recebe tanto espaço num jornal.*

*Muito obrigado também pelas referências à minha intervenção. Muita simpatia da sua parte.*

*Sobre ela, dois pequenos pormenores apenas para sua informação: não fiz a escola primária na Ribeira Grande, mas apenas o meu exame da 4<sup>a</sup> classe. (Por sinal, ainda há dias mandei para a Câmara da R. Grande um artiguito sobre isso para a revista comemorativa dos 20 anos de Cidade, a pedido da organizadora do volume, a minha patrícia Ana Fonseca.) Além disso, não é verdade que passo a vida a dedicar-me à divulgação das coisas dos Açores. Faço o que posso mas não posso dispor de todo o tempo para isso.*

*Li também no Primeiro de Janeiro o seu comentário sobre o debate. Diz que "o debate vem provar que a linguagem ainda é sexista, machista", etc. Se se recorda, eu falei um pouco sobre a questão da linguagem, mas noutro contexto. No debate que se seguiu, essa questão do sexismo veio à baila. Eu tentei explicar-me, mas não havia muito tempo. Acrescentei que o que ali estava a dizer não passava de um resumo de uma série de ensaios que tenho publicados e que espero reunir em volume em breve. A minha posição eu expliquei-a apenas de relance. ... O meu argumento é simples: a linguagem é sexista, sim, mas nem sequer é tanto como se afirma, como*

*eu procurei demonstrar. Mas acrescentei algo que julgo fundamental: a linguagem apenas revela o que a cultura é. As pessoas são sexistas e, na linguagem, refletem o seu sexismo. Esse pormenor pode parecer insignificante, mas se as pessoas acham que o problema fundamental do sexismo está na linguagem, caem no erro de pressupor que, feita a limpeza à linguagem se limpou o sexismo. Serão surpreendidos mais tarde pois vão verificar que a "nova" linguagem ganhou no quotidiano conotações também sexistas. Se as atitudes de fundo não mudam, a linguagem também não.*

*A demonstração disso está há muito feita. Mais uma vez, foi um prazer poder participar, ainda que tão de repelão.*

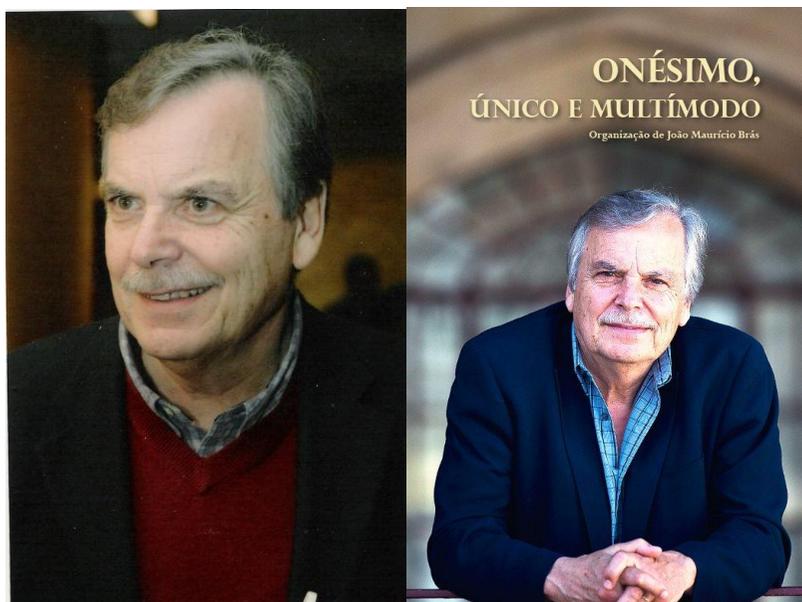
*Pelo seu relato vejo que perdi muita coisa boa.*

*Vai um abraço do Onésimo*



*Remando com a mulher, Leonor Simas*



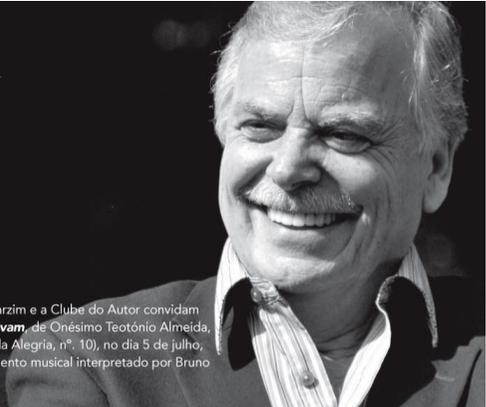


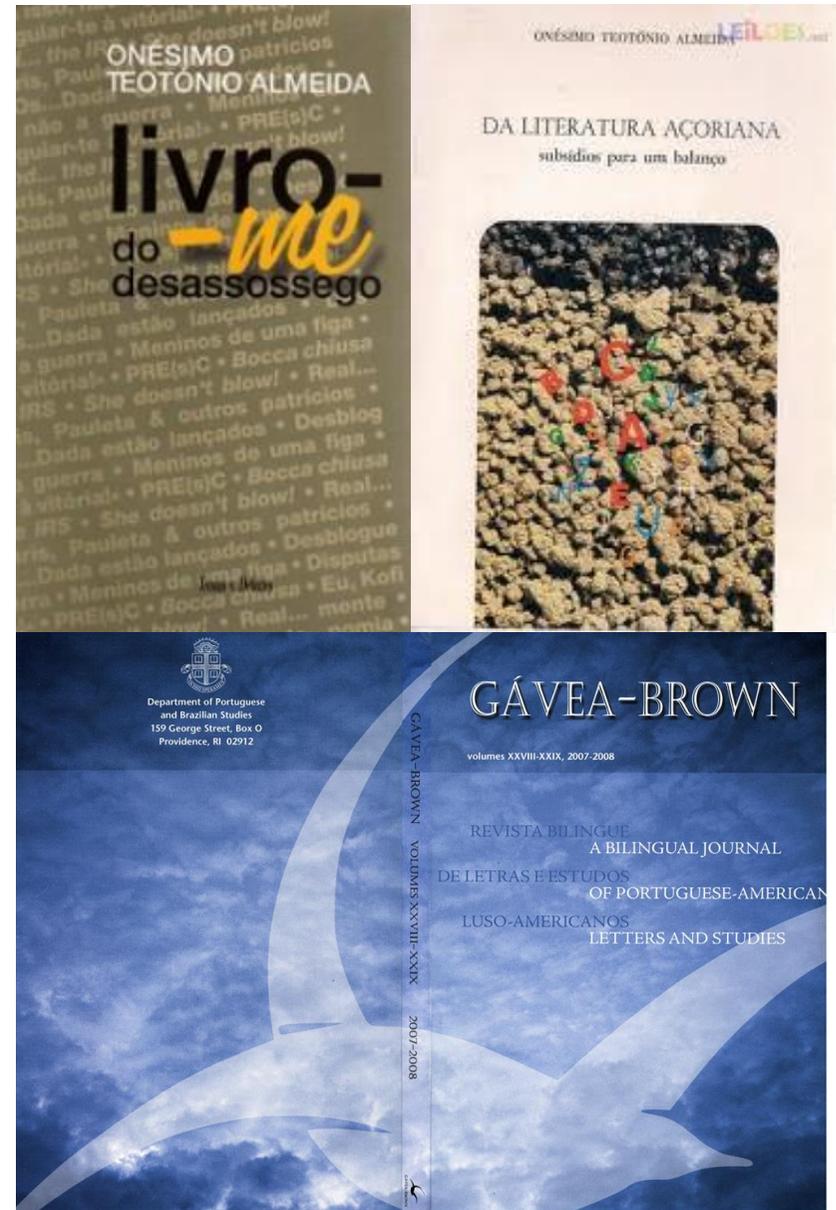
APRESENTAÇÃO DO LIVRO

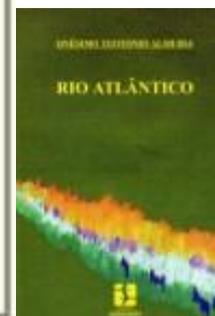
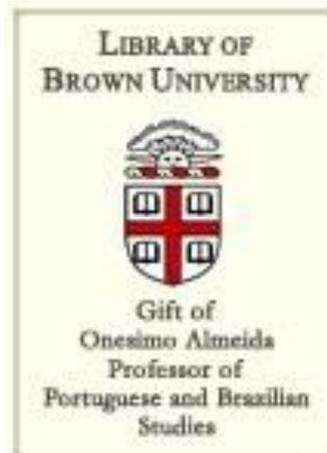
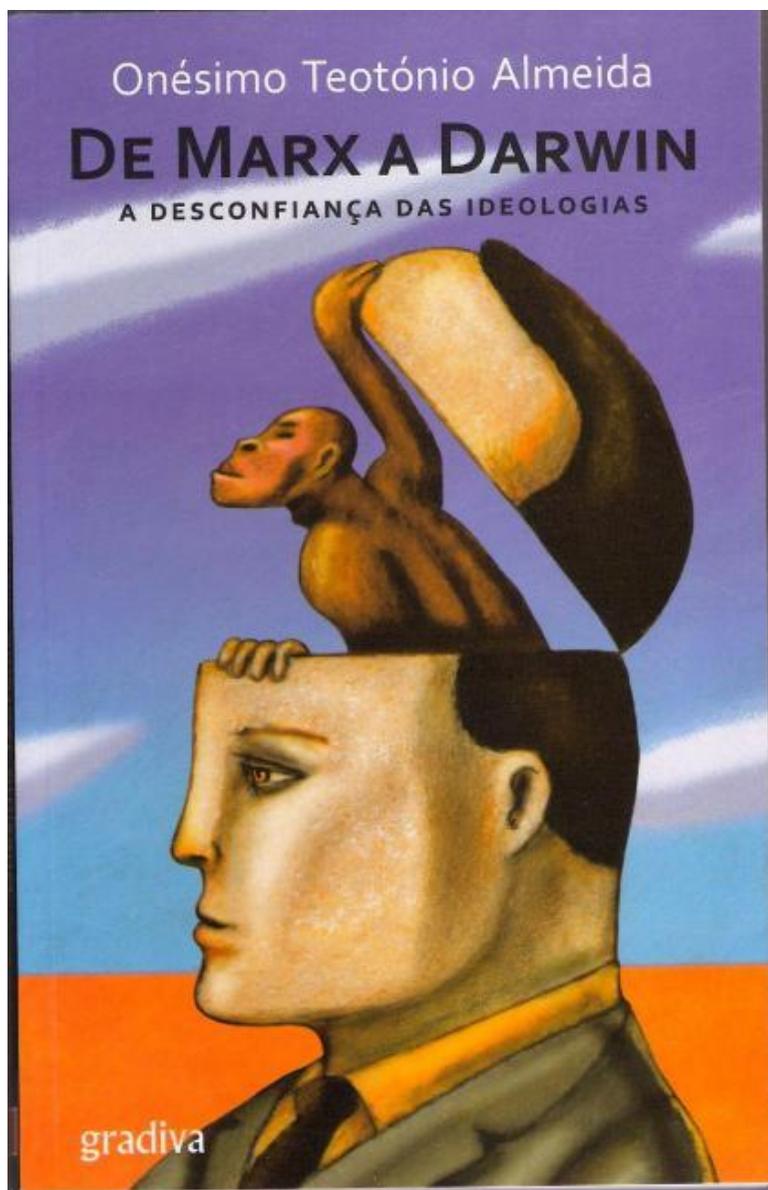
**Quando os bobos uivam**

de *Onésimo Teotónio Almeida*

O Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim e a Clube do Autor convidam V/ Exc<sup>ta</sup> para a apresentação do livro **Quando os bobos uivam** de Onésimo Teotónio Almeida, que se realizará na sede da Fundação Dr. Luís Rainha (rua da Alegria, n.º. 10), no dia 5 de julho, sexta-feira, pelas 19h30. Esta sessão conta com o apontamento musical interpretado por Bruno Ribeiro à guitarra. Seguir-se-á uma sessão de autógrafos.

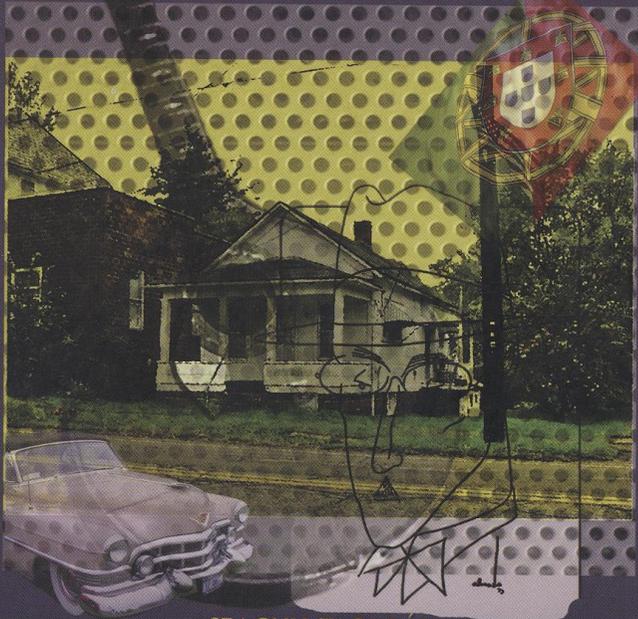




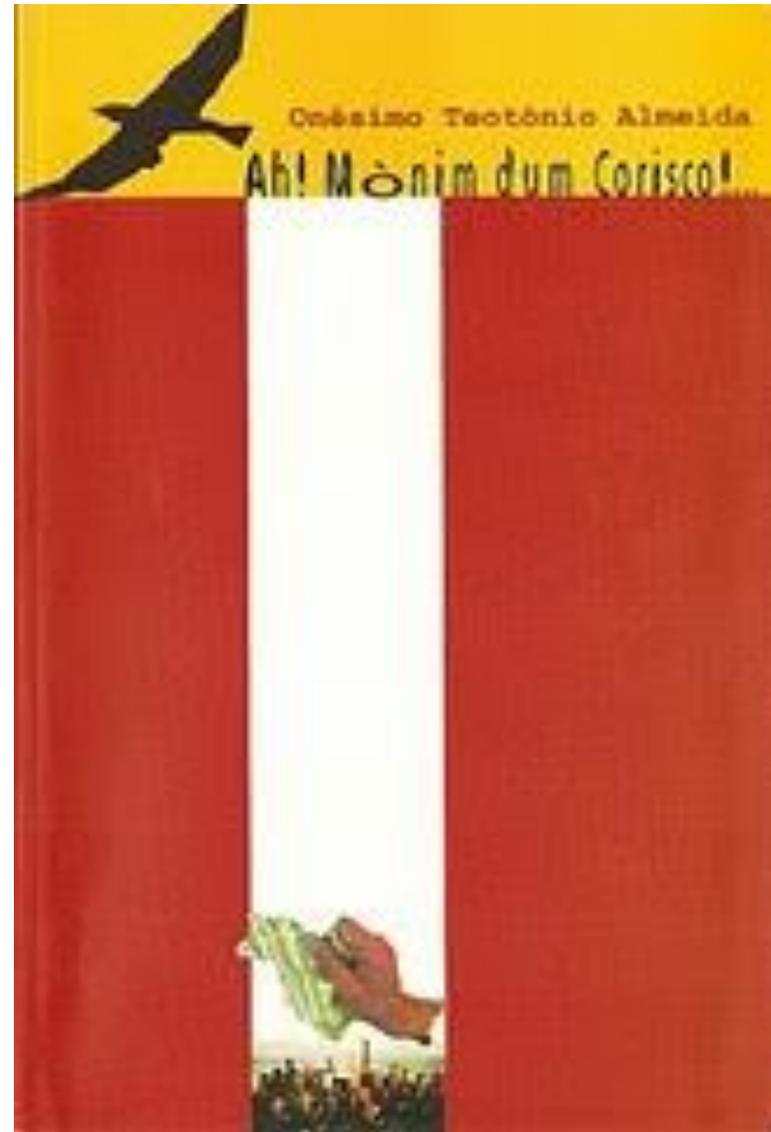
ONÉSIMO T. ALMEIDA

TALES  
FROM THE  
TENTH ISLAND

SELECTION, TRANSLATION AND INTRODUCTION  
BY DAVID BROOKSHAW



SEAGULL/FAOILEAN



Onésimo Teotónio Almeida

Ah! Mònim dum Corisco!

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

# MENSAGEM

uma tentativa de reinterpretação

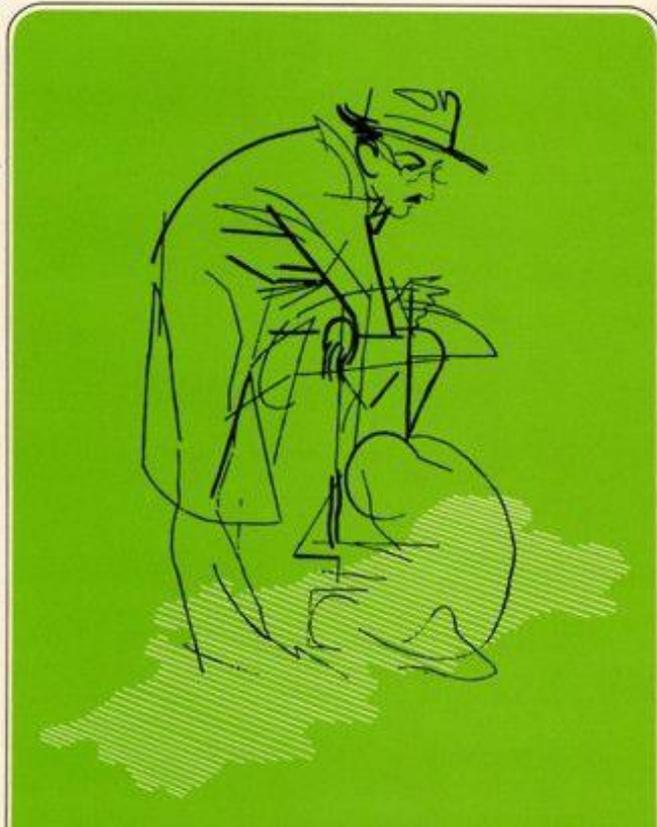
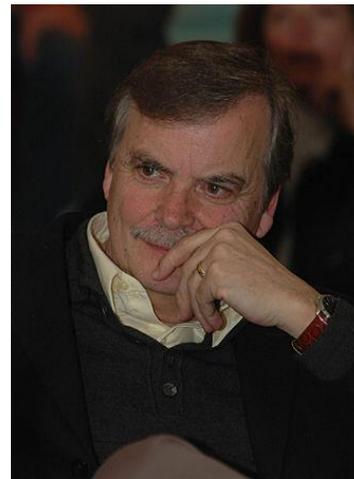


Foto do autor



## 1. MRS. CAVALO<sup>3</sup> PROFESSORA DE ESL<sup>4</sup>

(O conjunto canta, com a música do 'Pezinho', do Pico)

Eu fui à escola e fiquei-me,  
Oh, sim, fiquei-me,  
Porque tinha que ficar.  
Tanto inglês eu aprendi,  
Cheguei cá fora  
Nem uma soube falar.

Faz favor, diga comigo,  
Diga comigo:  
I am here – You are there.<sup>5</sup>  
A língua tem que pegar,  
Tem que pegar,  
Deia lá por onde der.

Eu fui à escola ontem  
Fui à escola  
Porque queria aprender  
Pegaram logo a inglesar,  
A inglesar,  
Que eu fiquei logo a tremer.

Depois de vir da escola,  
Experimentei  
Botar sentido ao talaveja<sup>6</sup>  
Era ú' a fala pior  
Que o latim  
Que se usava na igreja.

(Sala de aula: quadro, carteiras, um projetor e um mapa dos Estados Unidos. [...])  
Dois alunos e uma aluna, imigrantes recentes, estão conversando sentados, à espera da professora.)

**Isabel** - Já está na hora.

**Carlos** - Ela ainda está na sala dos professores.

**Maria** - Deve estar lá a fazer pouco da gente, como é costume.

**Alberto** - E eu que me importo? Eu cá nunca fui cabeça de burro. Se ela diz agora que eu não sou capaz de aprender, é porque ela não sabe ensinar. Vem para aí todos os dias com a mesma música, como a música da Relva: *I am here - you are there, I am here - you are there...* Nem que a gente fosse ceguetas. Pois eu já sei que estou aqui e ela está para ali.

**Carlos** - E eu já te contei que uma vez na aula do Mr. McCall ele queria que eu repetisse: *'I like turkey'*<sup>7</sup> e eu não quis? Ele insistiu e estava todo chateado, até que eu lhe disse que não dizia uma coisa daquelas porque eu não gostava nada de peru e não ia dizer mentiras!

**Secretária** - (Entra com uma aluna crescida - Marta - de 16 anos, corpo de mulher, recém-chegada de Portugal. A secretária fala com sotaque luso-americano.)

A Mrs. 'Cavalo'? Ainda não chegou?

**Isabel** - Não, senhora.

**Secretária** - Diz pra ela que tar aqui one more student<sup>8</sup> que vam das ilhas e o principal<sup>9</sup> manda ela vir pó classroom<sup>10</sup> da Mrs. Cavallo. Ela já tem os shots<sup>11</sup> todos. Parece que ela tava acabando a escola alta<sup>12</sup> no liceu das ilhas, mas não fala English e o que ela diz é à moda de England<sup>13</sup>, like (pronunciando à inglesa e carregando nos tt) water, butter, better, porque eles nas ilhas goste de se fazer importantes a ensinar o British accent<sup>14</sup>, que inté é mais difícil que o American. (Para a Marta). Ficas aqui, pequena, all right?<sup>15</sup> A si pessora vai vir. (Marta senta-se na aula, muito tímida.)

**Isabel** - Como é que te chamas?

**Marta** - Marta Câmara.

<sup>3</sup> Pronúncia americana de 'Carvalho'

<sup>4</sup> English as a Second Language – Inglês como Segunda Língua – Designação por que é conhecida a disciplina de ensino de inglês a estrangeiros.

<sup>5</sup> Eu estou aqui – Tu estás aí

<sup>6</sup> Television – televisão

<sup>7</sup> Eu gosto de peru

<sup>8</sup> mais um estudante

<sup>9</sup> o diretor

<sup>10</sup> sala de aula

<sup>11</sup> vacinas

<sup>12</sup> high school - liceu

<sup>13</sup> Inglaterra

<sup>14</sup> pronúncia britânica

<sup>15</sup> está bem?

**Carlos** - Outra! (*Para Marta*) Daqui por diante vão batizar-te à americana e vão chamar-te Camero... E vais com sorte, porque eu sou Sousa e eles chamam-se *[sic]* Suza. Eu fico danado, porque a gente lá nas ilhas costumava dizer que vocês é 'suça'. Apetece-me dizer coisa parecida quando me chamam assim.

**Alberto** - Antigamente eles traduziam os nomes para inglês, o que era pior. Palmas! Parece que não sabiam que Joe Smith em inglês significa o mesmo que José Ferreira em português, e que Manny Shoemaker dá no mesmo que Manuel Sapateiro.

**Maria** - Mas eles mudavam o nome era para não se saber que eles eram portugueses. Preferiam ser italianos ou espanhóis.

**Carlos** - Não reparavam também é que os americanos ianques faziam à mesma pouco dos italianos e dos espanhóis.

**Isabel** - Ah! Mas agora já é moda ser-se português e falar-se português.

**Marta** - Eu ouvi dizer isso nos Açores. Até os jornais de lá estão sempre a dizer que os políticos americanos vão sempre às festas dos portugueses...

**Carlos** - Agora é chique!

**Maria** - É. É moda ser-se étnico.

**Alberto** - E bilingue. Mas a maior parte deles não é bilingue. Só têm nome português, mas não falam nada. Então dizem que não são bilingues, mas são biculturais.

**Carlos** - Mas isso só quer dizer que gostam de comida de duas culturas: chouriço e hot-dog!<sup>16</sup>

**Isabel** - A maioria deles é bilingue à moda do outro que dizia que bilingue é aquele que diz a mesma coisa de duas maneiras e o outro só percebe uma. (*Riem*)

**Marta** - Quando é que a senhora professora vem?

**Isabel** - Quando é para ela vir para as aulas, ela não fala na pontualidade americana a que a gente tem de se habituar.

**Maria** - (*Para Marta*) Tu não devias estar aqui nesta aula. Tens quase idade de ir para a universidade. Lá por não saberes inglês... É o costume... Pensam que não sabes nada.

**Alberto** - E vais com sorte, porque podiam chamar-te atrasada mental... Dumb<sup>17</sup> como eles dizem com ar escarnento.

**Maria** - Ainda a gente vai com sorte. A Mrs Carvalho fala um bocadinho de português e a gente sempre a entende.

**Carlos** - Sorte? Não sei. Estou farto de histórias. Muitas vezes os filhos ou netos de portugueses são os piores. Parece que pensam que quanto mais criticam a gente mais as outras pessoas se esquecem que eles são descendentes de portugueses. Coitadinhos.

**Maria** - Pois, mas os professores mais novos não são tanto assim.

**Isabel** - Eu cá acho é que é só porque é moda. Se não, seriam como os outros foram: Viva a América e o resto é lixo!...

**Alberto** - Lá no fundo as coisas não mudaram...

**Carlos** - Claro que não!... Vocês sabem o que aconteceu com o meu irmão? Ele tem sete anos. É muito esperto em casa, mas, na escola, como não sabe muito inglês, fica envergonhado. Então convenceram-se de que ele tinha problemas, ou que era atrasado mental, e mandaram vir um... especialista...

**Maria** - Um psicólogo?

**Carlos** - Isso. O homem leva o meu irmãozinho para uma sala e pergunta-lhe assim como quem está falando para um tonto: How many fingers do I have here? (*Imita o psicólogo e o irmão ao longo da história. Quando imita o psicólogo, fá-lo em voz um tanto alta e descompassada, a bater as sílabas, tentando ridicularizar. Depois traduz a frase para Marta:*)

Que quer dizer: quantos dedos eu tenho aqui?

**Marta** - Eu percebo.

**Carlos** - E o meu irmão, que não é nada tolo, responde meio seco:

One! (*Risos*) O especialista perguntou depois: How many fingers do I have here? (*Mostra dois dedos*). E o meu irmão: Two!... Depois como que vendo que o meu irmão estava atinando, experimentou um número mais alto: How many fingers do I have here? (*Mostra seis dedos*). E o meu irmão, já com cara de chateado, respondeu: Six! O especialista experimentou uma pergunta mais difícil, meio admirado com as respostas do miúdo: How many hands do you have? (*Traduz para Maria*) Que quer dizer: Quantas mãos é que tens? E o meu irmão, com jeiro *[sic]* de quem não aguenta mais, desprega-se com esta: The same as you! (*Gargalhadas*). (*Se o público não reagir, pode ser sinal de que não entendeu o inglês e então muito rapidamente Carlos deve traduzir para a Marta:*) Que quer dizer: As mesmas que tu! [...]

**Professora** - (*Entrando apressada e com exercícios na mão.*)

Sorry, for being late. I was correcting your exercises. They are horrible! You should be able to do a lot better.<sup>18</sup> Os exercício tão muito mau. Vocês não estuda. Isabel,

<sup>16</sup> cachorro quente

<sup>17</sup> burra, estúpida

<sup>18</sup> Desculpem estar atrasada. Eu estive a corrigir os exercícios de vocês. Estão horríveis. Vocês têm obrigação de fazer muito melhor.

go to the blackboard. (*Isabel levanta-se e vai ao quadro*). Write: twelve thousand four hundred seventy seven dollars and fifty cents.<sup>19</sup>

**Isabel** - (*Escreve assim à portuguesa: 12.477\$50*)

**Professora** - Eu diga já muita vez que não é assim. O dollar escreve é só com um risca \$ (*escreve em carateres garrafais*). Tu faz tudo na moda portuguesa. Não é point<sup>20</sup> aqui, é vírola (... *escreve 12,4*) ... e seven na América não ser como o sete do Portugal. Não tem o risca (*escreve 1 e apaga o traço*). O vírola tá nos thousand 12,477... seven, seven, sem risca, and then o point dos cents... 12,477.50. O coisa dos dólares vai no beginning (*escreve \$ antes do número*). All right? Sit down.<sup>21</sup> (*Dá-lhe o exercício. Isabel senta-se. A professora chama:*)

Carlos!

(*Carlos levanta-se*)

O divisor não é assim como tu faz que eu nem saber como é. [...] E tu faz a conta muito pechininha.

**Carlos** - É porque à portuguesa a gente faz parte da operação é da cabeça.

**Professora** - Here you do as we do.<sup>22</sup> Sit down. Maria (*pronunciando: Moria*).

**Maria** - Yes.

**Professora** - You still haven't learned the weights and measurements in English. You have to learn what an inch, a foot, a yard, a mile are. And also a pound, a gallon, etc.<sup>23</sup>

**Maria** - Mas eu ainda faço confusão com o quilómetro, o litro, o quilo, pois em Portugal a gente usa é o sistema métrico.

**Professora** - Tens para esquecer o moda de Portugal. Noutra maneira nunca mais never vais aprender.

**Maria** - Mas eu acho que não devia esquecer, pois eu ouvi dizer que a América vai mudar para o sistema métrico.

**Professora** - Quando muda há de aprender outra vez. Agora is like this.<sup>24</sup> (*Dá-lhe o exercício.*)

---

<sup>19</sup> escreve: doze mil quatrocentos e setenta e sete dólares e cinquenta cêntimos.

<sup>20</sup> ponto

<sup>21</sup> Percebido? Senta-te

<sup>22</sup> Aqui fazes como a gente faz

<sup>23</sup> Tu ainda não aprendeste as medidas em inglês. Tens de aprender o que é uma polegada, um pé, uma jarda, um [sic] milha. E também uma libra, um galão, etc.

<sup>24</sup> é assim

<sup>25</sup> Porque é que esses cartões do alfabeto estão no chão?

<sup>26</sup> Isto é um quarto

<sup>27</sup> Isto são as janelas do quarto

**Alberto** - (*À parte*) É preciso ter lata!

**Professora** - Why are those alphabet flash cards on the floor?<sup>25</sup> Este classroom tem que tar bem arranjado. Alevanta isso! [...]

**Professora** - (*Pág. 26*). This is a room.

**Todos** - This is a room.<sup>26</sup>

**Professora** - (*pág. 26*). These are the windows of the room.<sup>27</sup>

**Carlos** - Ó Mrs. Carvalho,

**Professora** - Not Carvalho, Cavallo! (*Risos*)

**Carlos** -... eu nunca preciso de dizer: 'Isto é um quarto'. 'Isto são as janelas do quarto.' Toda a gente está a ver que isto é um quarto e que isto são as janelas! Não é preciso...

**Professora** - Shut up! Let's continue.<sup>28</sup> (*Pág. 28*) This is the door of the house.<sup>29</sup>

**Todos** - (*Com tom de aborrecidos*) This is the door of the house...

**Professora** - (*Pág. 42*) This is my mouth<sup>30</sup> (*Todos repetem*). (*Pág. 42*) A man has a nose.<sup>31</sup> (*Repetem*) (*Pág. 49*) He has a body.<sup>32</sup> (*Repetem*).

**Carlos** - Mrs Cavallo, mas eu nunca preciso de dizer: 'Isto é a minha boca,' ou: 'Um homem tem um nariz'. Toda a gente sabe que ele tem um nariz; se não, como é que ele se havia de assoar?! E a boca, a gente até sabe onde ela fica, mesmo com os olhos fechados. (*Fecha os olhos e faz um gesto com os dedos a entrar pela boca dentro.*)

**Professora** - Are you trying to be funny?<sup>33</sup>

**Carlos** - Não, senhora. Eu acho é que era mais importante a gente aprender a dizer: 'Eu tenho fome, eu tenho sede, tenho dores,' etc.

**Professora** - This is not in the book and furthermore this method was developed by experts at Harvard University. Keep your mouth shut. Ok?<sup>34</sup> (*Continua a lição*). I see a clock.<sup>35</sup> (*Repetem*) I see a door<sup>36</sup>. (*Repetem. A Professora nota que Carlos não diz nada. Diz para ele:*) Não repetes?

<sup>28</sup> Cala-te! Continuemos

<sup>29</sup> Isto é a porta da casa

<sup>30</sup> Isto é a minha boca

<sup>31</sup> Um homem tem um nariz

<sup>32</sup> Tem um corpo

<sup>33</sup> Estás a tentar ser engraçado?

<sup>34</sup> Isto não está no livro e este método foi desenvolvido por especialistas da Universidade de Harvard. Cala a boca, está bem?

<sup>35</sup> Eu vejo um relógio

<sup>36</sup> Eu vejo uma porta

**Carlos** - Eu já disse à senhora que eu não preciso de dizer: 'Eu vejo um relógio,' ou 'Vejo uma porta', porque quando a gente vê tá visto, não é preciso dizer mais nada. Não é preciso eu dizer agora: 'Eu vejo a Mrs. Cavaló', porque eu estou a ver e basta isso!

**Professora** - I guess you are going to stay here after school today<sup>37</sup>! (*Continua, página 102 de ETP*) Bread is soft<sup>38</sup> (*Repetem*)

**Alberto** - Isso parece uma fechadura!

**Professora** - (*Pág. 102*) Meat is soft.<sup>39</sup>

**Carlos** - Meat? Parece um cassetete da polícia!

**Professora** - Would you please be quiet?<sup>40</sup> (*Pág. 103*) The cheese is soft.<sup>41</sup> (*Repetem*) [...]

(*Ouve-se a campainha. Os alunos saem imediatamente em corrida ante a diferença da professora que, entretanto, se dirige a Maria:*) [*sic*] [MARTA?]

Eu não dei para ti o teu exercise?

**Marta** - Não senhora. Eu não fiz.

**Professora** - Não fizeste? Foi porque fizeste o skip<sup>42</sup> à escola nesse dia?

**Marta** - Hoje é o primeiro dia que eu venho. Eu cheguei de Portugal há cinco semanas e não vim mais cedo para a escola porque eles não me deixaram entrar sem eu levar as vacinas. Eu já tinha levado em Portugal antes de vir, mas eles quiseram que eu levasse outra vez.

**Professora** - O.K. A primeiro não vais entender muita cousa, mas ó depois já vais.

**Marta** - Eu sei tudo o que a senhora ensinou hoje na aula. Aprendi lá no liceu. Eu tinha acabado o 5.º ano.

**Professora** - Oh! Good, good! Vai ser O.K. para ti, para teres uma nice marca.<sup>43</sup> E é muito bom teres essa escola toda, porque tás agora na sétima grade<sup>44</sup> aqui. Alguns vem de lá grandes coma ti e não sabe nada, vão pó grau três ou quatro.

**Marta** - Mas eu venho de lá é com o 5.º ano do liceu, mas esse 5.º é ainda além da escola primária. (*As duas vão a sair a porta*)

**Professora** - É because of that, I guess, que é por causa disso que eles te saltaram para o sétimo e não para o sêxtemo! (*Saem*)  
(*Apaga-se a luz*)

<sup>37</sup> Tenho a impressão que vais ficar aqui depois da escola...

<sup>38</sup> O pão é macio

<sup>39</sup> A carne é macia

<sup>40</sup> Queres estar calado, por favor?

## 2. O(S) ADRIANO(S)

Vocês conhecem o Adriano? Um par de olhos velozes e penetrantes num corpo irrequieto de onze anos de dinamite, cinco dos quais trazem ainda marca da Terceira no português raro que ele fala.

Vi-o pela primeira vez apanhando um volume imenso de jornais junto à College Travel, na esquina da Waterman e Thayer Street. O camião do *Providence Journal* deixara-lhe acolá aquele Himalaia havia minutos e ele, chegado da escola, agarrou um alicate da algibeira de trás e cortou o arame grosso. O vento rodopiava à volta da Biblioteca de Ciências e, no termómetro ali ao pé, 28º Fahrenheit, que a gente só lhe mede o efeito quando traduz para dois negativos, em centígrados. Agarrou de um saco que trazia, emborcou nele os jornais e pôs-se em marcha de tronco derreado e braço direito a quarenta e cinco graus, enquanto o outro braço procurava titanicamente equilibrar o peso. Foi aliviando carga deixando exemplares no Barus and Holley, no Departamento de Linguística, no de Matemática Aplicada, no Laboratório de Informática.

Eu segui aquele pacotinho de energia e determinação. Junto ao Departamento de Antropologia meti conversa. Que não lhe estava muito para ela porque tinha de chegar a horas e a clientela esperava em casa notícias da tarde. Mas que sim, passaria pelo departamento no dia seguinte. Tinha escola só até meio-dia.

Foi lá ter, como prometido. Sentou-se-me na cadeira em frente como se fôssemos colegas de há muito. Falou sempre inglês, mas sabia-me português porque me ouvira já falá-lo na rua. Desbobinou-me de si e do seu mundo. É um *businessman*. Não quer ser outra coisa. Além dos jornais, tem outros negócios. Vende sementes de flores, por exemplo. E postais. Recebe as encomendas pelo

<sup>41</sup> O queijo é macio

<sup>42</sup> de to skip - faltaste

<sup>43</sup> nice mark – boa nota

<sup>44</sup> grau - classe

correio. Traduzido, da fala dele perde-se o poético, neste caso da prosaica *businessmanlike*, linguagem do mundão americano num corpinho português ilhéu.

- Quero ser um *businessman*. É só isso que me interessa. Porque adoro dinheiro. *I love money*.

Viera da Terceira há seis anos e é por isso já mais americano que português. Quer esquecer-se, aliás, do pouco que se recorda das ilhas. Que partiu a cabeça contra uma parede, que quebrou uma perna... *um monte ali, chãõ acolá, o mar cinzento feio, vacas... ah!, tirar-se-lhes o leite com uma bacia e a vaca a pôr os pés dentro do leite...*

Mas isso é para esquecer. Eu odeio os portugueses. Não gosto de ser português. Gostava de ter nascido aqui. Os portugueses são estúpidos. O meu sangue já é todo americano. Os melhores negócios que eu faço são com portugueses estúpidos... Eu preferia não saber português. Estou mesmo a tentar esquecê-lo. Mas todos os *businessmen* com quem eu falo dizem-me que saber português é bom para o negócio aqui. Verdade, mas... chatice!... Sou português. O que é que posso fazer? Mas detesto. Odeio ser português. Não gosto que me chamem português. E nem sequer é por vergonha. É por ódio! Sobre isto, acabem-se as perguntas. Não há mais respostas. Nem gosto de falar sobre essa treta...

- Ah! Ainda bem bom que sou da Terceira e não de S. Miguel. Eu odeio os micalenses. Na minha escola é quase tudo de S. Miguel. Nunca ouvi falar de S. Miguel antes de vir para a América. Só aqui é que soube que esses coriscos existiam, mais a Ásia e a Califórnia. Mas a Califórnia é boa! É até um lugar onde eu gostava de viver. Ter uma casa em Beverly Hills e ser um produtor de cinema em Hollywood!... Bom... *dreams!*...

Da gente de S. Miguel só gosto de ouvi-la brigar. A fala deles é engraçada. Soa mal, mas tem laracha; e adoro rir. Eles dizem as mesmas palavras, mas fazem não sei o quê dentro da boca e saem aqueles sons estranhos. Não sou eu só que não gosto deles. Meu pai também não. Ele não gosta de pretos nem de san-michaels...

Mas eu faço *business* com eles. Não só, claro! Com americanos também. E com alunos da Brown. Muitos são meus amigos. Compram-me o jornal e outras coisas que vendo. Já disse a alguns que, se eu percebo que eles me compram só porque têm pena de mim, eu atiro-lhes o dinheiro à cara... Eu vendo livros... Ganho 10c em cada. Tenho duas contas no banco. Abri uma sozinho sem ninguém saber... Como? É segredo! A outra foi com o meu pai. Tenho quatrocentos e vinte e cinco dólares e oitenta cêntimos numa, na minha, a secreta. Cento e sete e meio na outra, no Old Stone Bank...

Jogo ao dinheiro. Faço tudo o que for preciso para ganhar uns trocos. Nunca o levanto do banco. Posso levantar se quiser, mas quando for há de ser para um negócio de peso. Um dia hei de arranjar umas *big business*. Vou sentar-me no meu escritório como um senhor e então aquilo é que vai ser negociar só pelo telefone e computador. O dinheiro vai cair como milho. Uma casa grande. Piscina. Casa de Verão no Cape Cod e casa de inverno em Vermont. E *chicks* loiras ao meu lado... Vermont é bonito à brava. Tem vacas, mas não cagam na estrada como nos Açores. Têm classe. [...]

Interrompi aquele turbilhão, levada, torrente, cascata, catarata. Convidei-o a ir tomar o lanche comigo.

- Porque não? Como não pago impostos, não posso é chamar-lhe um *business lunch* e descontá-lo no fim do ano.

Fiz que não ouvi. E lá fomos ao Spats. Já conhecia. Aquele e todos os restaurantes da Thayer Street e não só. Entrara para ver como era a coisa. Nalguns, foi posto fora por não ter idade, mas deu-lhe tempo para ver tudo. Para saber como é e poder depois contar como foi. Duma vez estive mesmo num restaurante bem chique em Newport, onde os ricos vão de iate e os pobres vão de carro. Ele foi de iate com uns senhores do East Side.

- Os meus pais nunca foram a um restaurante. Nem sequer ao McDonald's. Para eles, o hotel Baltimore deve ser um bicho da África. E eu já comi lá. À borla. Como um senhor grande... A minha mãe, além de East Providence, vai ver agora mais uma vez o caminho para Boston. Vai às ilhas pagar uma promessa ao Espírito Santo. Parece que o Espírito Santo joga pela Terceira, e o Santo Cristo por S. Miguel. Quando eu nasci estive mesmo quase a morrer, e ela disse que, se eu vivesse, havia de... não sei como é que se diz em inglês... só sei em português: pagar uma promessa. Há coisas que eu só sei dizer em inglês e outras que só sei em português. Mas as coisas portuguesas [*sic*] que eu não sei dizer em inglês são... como é que se diz... *sound funny*, parecem tolices.

Eu não morri. Bem bom. Se fosse para ficar lá nas ilhas a impestar os pés na bosta de vaca, não me importava de ter ido para o maneta; mas, já que vim para aqui, ela que vá lá em paz cumprir a promessa. Pelo sim, pelo não, sempre fico mais no seguro...

\*  
\* \*

- Ah! O senhor conhece o meu filho, o Adriano? Aquele diabrete, que Deus me perdoe? Não sei que lhe hei de fazer. Em má hora vim eu para esta terra.

Eu escutava calado a pintura do Adriano feita pelo pai do garoto que eu conhecera havia poucas semanas. Estava em meio de umas compras lusas no supermercado e *mall* em simultâneo traduzido para beirão, ali perto do Wickenden Street, o Family Market.

- A mãe está cozida com ele. Recusa-se a falar português e, quando fala, é para dizer que não percebemos nada. Não lhe faltamos com roupa nem comida. Trabalhamos como burros, noite e dia, e até mesmo fins de semana. Para nada. Não nos dá valor nenhum. Anda para aí metido em negócios a comprar e a vender coisas. Sai com estudantes daquela escola alta muito grande aqui em cima e vai com eles para o diabo. Dizem-me que entra em barruns e já tem nome na polícia. Já me disseram que ele é amigo de uns rapazes que vendem drogas aí em Fox Point.

Vim eu para esta terra consertar a minha vida e estragar a do rapaz. Está perdido. Não sei o que se lhe pode fazer. Faz bisingas com o diabo, se for preciso. Mesmo que eu me pusesse a andar daqui para fora, ela não ia. Dou-lhe umas cacetadas valentes de vez em quando, mas não têm dado resultado. Se calhar não têm sido bastantes. O que hei de fazer? Estou amarrado nesta terra. Ele está perdido. Não quer saber de pais, nem de igreja, nem das nossas coisas, que é o que a gente tem e é nosso...

\*  
\* \*

- *Oh! You know Adriano too, hein?*<sup>45</sup> – perguntou-me há dias no GCB o Steve, o que anda no quarto ano de Medicina.

Que sim, claro. Evidentemente. E o Steve:

- Que moço admirável! Esperto, inteligente, vivo. Percebe tudo. Apanha tudo. Mesmo no ar. Que visão das coisas. E do mundo! Espírito empreendedor. Lá no dormitório toda a gente o conhece. Passa pelos corredores e entra nos quartos de todos. Fala, pergunta. Responde sem mais aquela. Tem amigos em toda a universidade. Foi passar um fim de semana em Vermont com o meu colega Dave e aprendeu a esquiar. Disse-me o Dave que ele se lançava como um danado pela pista abaixo... Mas bem educadinho. Desprega-se com as suas quando lhe pisamos os calos mesmo se só para experimentá-lo, mas tem uma sensibilidade incrível.

---

<sup>45</sup> *Você também conhece o Adriano?*

Tem uma perspetiva madurríssima sobre o mundo e a vida. Possui sentimentos humanos profundos demais para a sua idade. Nós levámo-lo a Nova Iorque este fim de semana para assistir ao jogo de basquetebol com a Columbia University. Passámos a tarde em Manhattan e ele queria ir a todo lado. Se o deixássemos, em pouco conhecia aquilo tudo. Diz que Nova Iorque é que é uma selva boa para ele. *Challenging*. Ali é que apetece atirar-se de cabeça. E ali é que se pode crescer e montar um negócio do tamanho dos arranha-céus. [...]

- Conhece o Adriano? Um rapazinho da Terceira aqui da minha paróquia que anda muito aí pela universidade e que vende jornais da escola?

Que sim. Mas ao que vinha aquilo, senhor padre?

- Sabe, várias pessoas me têm falado nesse rapazinho a ver se se pode fazer alguma coisa. Pelo que me dizem, não creio ser possível, porque o rapaz já deve andar completamente atolado no vício. Com tanta má companhia... Dizem que vai com estudantes para as montanhas fazer esqui, para Nova Iorque, aos concertos de *jazz* para Newport e ao dessa nojeira que eles chamam *punk* ao Civic Center. Dizem que fuma marijuana e que faz dinheiro para comprar drogas vendendo coisas por aí. Não quer saber de igreja e só me apareceu uma vez na reitoria a pedir-me autorização para vender postais de boas-festas num baile no *hall*. [...] O pai não se importa e a mãe não sabe nada do que se passa. A Confraria da Senhora do Rosário estava disposta a pagar uma percentagem das despesas se ele fosse para uma casa de correção. Ele meteu-se muito com a canalha americana e agora está como eles ou pior. O senhor não verá maneira de falar com alguém aí que tenha mão nele e o possa chamar à responsabilidade? Ele tem muita influência sobre muitos rapazes mesmo mais velhos, e alguns ao sábado já não vêm à catequese por causa dele. E ainda por cima criou com eles uma rede de vencedores sob a sua direção. Tem a alma vendida ao diabo, já tão novo.

\*  
\* \*

- *Do you know Adriano? He is Portuguese! What a kid!*<sup>46</sup> – dizia-me a semana passada o diretor do departamento de distribuição da *Providence Journal*. Se eu era português, tinha que conhecê-lo. Não era nada como as outras crianças portuguesas, passivas e tímidas. Era atiradiço. Tinha a agressividade que se requer de um homem de negócios. É corajoso. Não tem complexos. Tem presença de

<sup>46</sup> *Conhece o Adriano? Ele é português! Que moço!*

espírito. Sentido das responsabilidades. É *hard-worker*. Trabalha no duro como um bom português, mas tem a garra, o espírito de agressividade que faltam aos portugueses. E é rijo na competição com os outros. Ganha sempre todos os prémios para o melhor vendedor de jornais. Entrou já em contacto com várias companhias que anunciam a pedir vendedores. Recebe a mercadoria pelo correio e dá conta do recado. Já teve mesmo um prémio para o melhor revendedor da área. Arranjou um P.O. Box no correio com o seu nome e dizem-me que está sempre a chegar lá mercadoria. Se Portugal tivesse uns quantos daqueles, não era preciso emigrar tanta gente para aqui. A vocês falta é daquela têmpera. Mais daqui por uns anos, se ele quiser, tem portas abertas na companhia. Não no jornal apenas. Com aquele talento e os estudos, vai longe. Ainda acaba à frente duma multinacional.

\*  
\* \*

- Conhece aquilo? O Adriano? O demónio em pessoa – comentava a senhora Olinda Ferreira pondo as mãos e elevando os olhos ao céu, enquanto o senhor Machado lhe empacotava uns bolos de massa sovada à moda das ilhas e o Adriano entrava e saía de repelão a deixar um molho de jornais. A senhora Olinda presenciou o brevíssimo *hi!* que os dois trocámos nos escassos segundos que o Adriano demorou na Machado's Portuguese Sweet Bread. [...]

\*  
\* \*

- *Oh! Do you know Adriano? I guess everybody knows him* – comentou um dia a professora entre uns goles de café depois de uma reunião já não sei para quê. Ele é muito inteligente. Direi talvez melhor: esperto, mas não muito aplicado. Tem sempre graça no que diz e faz. Algumas são mesmo incríveis. Há dias pôs-se a gozar com uma mocita que não sabia português. Ele chamava-lhe *my girl* e depois virava-se para os amigos que sabem português e troçava: *my dear girl*<sup>47</sup>, *minha querida gal...inha*. Doutra vez, ao ouvir uma professora dizer à outra, a propósito de um cavalheiro que nunca lhe fora apresentada [*sic*] – *I was never introduced*<sup>48</sup> – meteu-se na conversa e insinuou com atrevimento: 'A senhora nunca foi introduzida?'

<sup>47</sup> minha querida

Deram-lhe um raspanete, mas depois riram-se a partir na sala dos professores.

Na minha aula uma vez andava ele sempre a olhar para trás para as moças. *Olha para a frente, para o quadro, Adriano*, disse-lhe eu. E ele logo: *Atrás também tem quadro e a paisagem é mais bonita!*

Pena ele não ser um pouquinho mais estudioso. Não é mau rapaz. Parece ter problemas em casa. Mas nunca se abre sobre isso. Só me recorde de falar do pai uma vez. Apanhou numa sala dum professor cabo-verdiano um livro de Manuel Ferreira – por acaso também o nome do pai – e começou a mostrá-lo aos colegas como sendo uma obra que o pai escrevera. Quando todos acreditaram, desatou uma gargalhada e disse só: o meu pai já morreu.

Não gosta de guardar trabalhos para casa. Fá-los nos recreios. Parece que os pais o obrigam a trabalhar para ele ajudá-los a pagar a casa. Como fazem tantos imigrantes, aliás. Só é pena se o obrigarem a deixar a escola aos 16 anos. [...]

- Ah! Conhece o Adriano?... Sabe? Ele é...

*(SAPA)TEIA AMERICANA (CONTOS). PREFÁCIO DE JOÃO DE MELO.  
POSFÁCIO DE FRANCISCO COTA FAGUNDES. LISBOA, EDIÇÕES  
SALAMANDRA, COL. "GARAIAU", 2000, PP. 183-196.*

### 3. A QUESTÃO DA LITERATURA AÇORIANA.

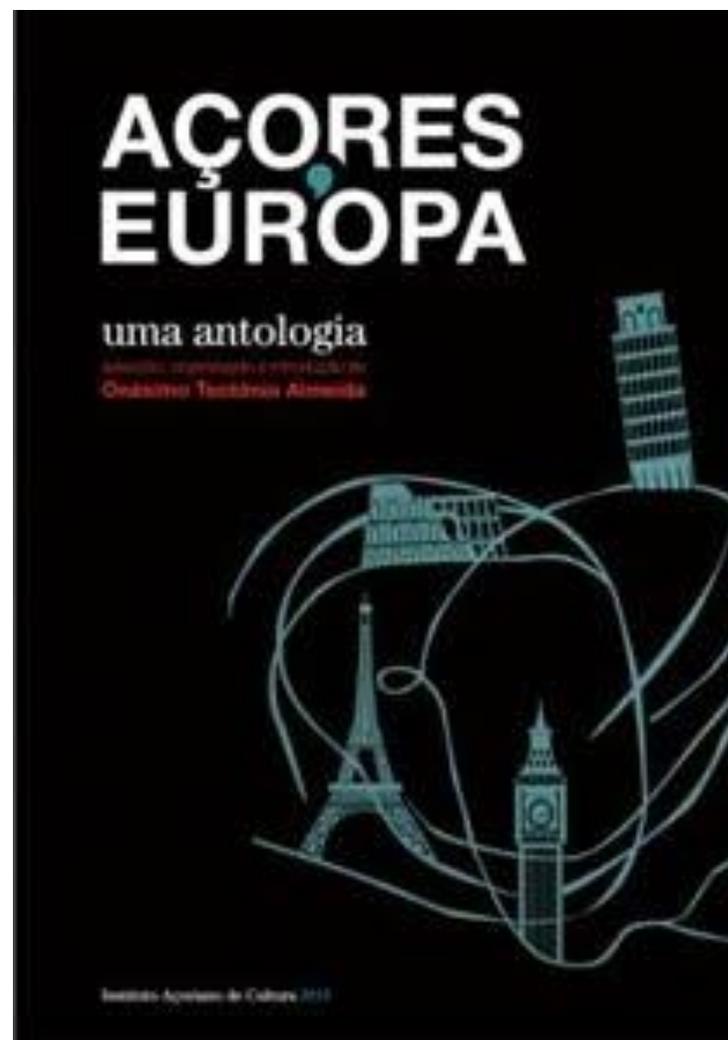
Embora haja quem suponha estéril o debate sobre a existência ou não de uma literatura açoriana, pessoalmente vejo nele uma riquíssima mina de elementos – dados, ideias, perspectivas, conceitos, especulações, interpretações, explicações, análises – que refletem mundividências, posições teóricas sobre estética, pontos de vista sobre uma realidade humana num espaço geográfico específico (os Açores) de muitos dos melhores nomes das letras dos Açores. Seria injustificável ignorar-se simplesmente a recorrência dessa questão sem se ver nela algo mais profundo do que um mero debate semântico. Ainda que se queira negar-lhe a importância das consequências, há causas e motivos para o seu aparecimento e ressurgimento cíclico que nenhum observador atento ou estudioso minimamente interessado poderá desdenhar. [...] Tem sido, de facto, na literatura, que algumas das

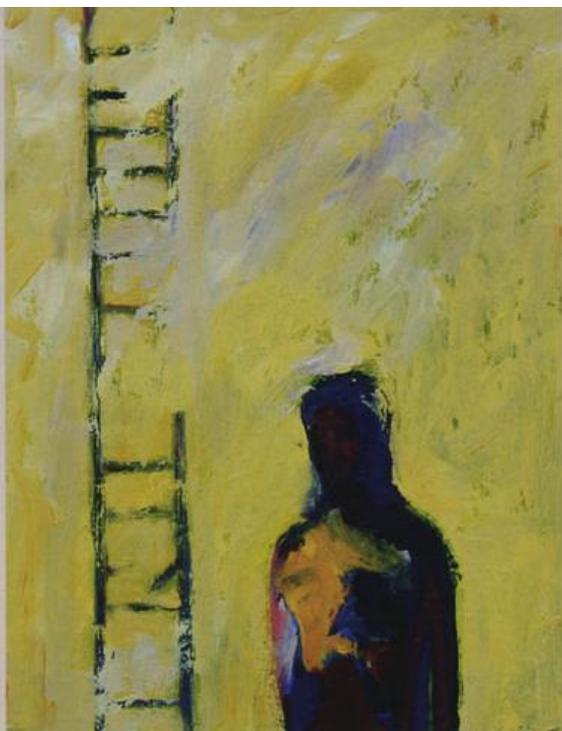
<sup>48</sup> nunca fui apresentada

penetrações mais inteligentes no microcosmo dos Açores têm tido lugar e os textos de intervenção no debate sobre a existência ou não duma literatura açoriana representam a consciencialização teórica, uma explicitação de pontos de vista, intenções, demarcação e distanciamento de posições da parte exatamente de quem se tem preocupado por conjugar os Açores como tema, ou utilizá-los como espaço ou pano de fundo dentro da [sic] qual se move a realidade por eles criada ou recriada nos seus textos. [...] no contexto nacional, esse grupo de obras persistente e insistente (não há fumo sem fogo) [literatura açoriana] acaba por constituir um caso especial (diferente ao menos) no conjunto da literatura portuguesa. E, numa altura que se fala tanto em descentralização e diversidade cultural, não deveria causar engulho a espíritos democráticos o usar-se a expressão [literatura açoriana], nem o prosseguir-se a exploração literária desse mundo que ela cobre. Quem lucrará com isso será a literatura portuguesa. Ficará menos monocórdica. E monótona.

*"INTRODUÇÃO" E "A QUESTÃO REVISITADA", A QUESTÃO DA LITERATURA AÇORIANA. RECOLHA DE INTERVENÇÕES E REVISITAÇÃO. ANGRA DO HEROÍSMO, SECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA, 1983, COLEÇÃO GAIVOTA/32, PP. 14-15-214.*

---





Onésimo Teotónio Almeida  
**O Peso do Hífen**  
Ensaaios sobre a experiência  
lusó- americana

Ensaaios

ICS



ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA  
(SAPA)TEIA AMERICANA

#### 4. QUE NOME É ESSE, Ó NÉZIMO? E OUTROS ADVÉRBIOS DE DÚVIDA. O SER (AUTOR) E O NADA

Telefonaram-me um dia destes da biblioteca central da Universidade. Tinham comprado parte da coleção portuguesa de um lusófilo, mas vinham muitos livros que a Brown já possuía. Sabedores do meu vício, davam-me mais uma vez a oportunidade de fazer uma rusga antes de os enviarem para revenda.

Foi uma festa. Em duplicado. Embebedei-me de livros e diverti-me à grande a ler as dedicatórias que neles, em separatas, folhetos e folhetins, o mundo lusófilo fazia ao investigador, e que ele talvez não tenha nunca lido, a ajuizar pelo aspeto virgem de muitos deles, não raro com prova apodíctica de hímen e tudo: as folhas nem sequer haviam sido cortadas.

Não levo a mal o senhor. Faço uma pálida ideia do que seja receber montes de ofertas com as dedicatórias mais pirosas, esperançadas nuns minutos do seu tempo e de umas linhas a dizer "li e gostei muito". Poderia ter feito como aquele outro que pôs a circular um aviso para não lhe enviarem mais nada relacionado com qualquer coisa posterior ao século XVIII.

Imaginei-me um dos ofertantes a ver agora ali o meu livro retornado. Imitaria talvez George Bernard Shaw, que, diz-se, ao deparar-se num alfarrabista com um livro seu, por ele oferecido a um amigo, em que escrevera "Com os cumprimentos de George Bernard Shaw", o comprou e enviou de novo a esse tal amigo da onça, acrescentado à dedicatória: "Com os cumprimentos renovados de G.B.S."

Antigamente era de boa educação escrever-se a agradecer um livro só depois de lê-lo. Agora generalizou-se essa de escrever, logo após a receção, uma nota, frequentemente computadorizada e em que apenas se preencheram os espaços em branco, dizendo estar o recipiente muito grato pela oferta, que lerá na primeiríssima oportunidade. E a gente imagina o livro a ser enterrado na estante. É a versão moderna da suposta carta de Voltaire a um crítico que lhe desancara num livro:

"Senhor: estou sentado no quarto mais pequeno da minha casa. Diante de mim tenho a sua crítica. Dentro de instantes ela estará atrás de mim."

Nessa linha *blasée* de Voltaire está aquela outra de Frank Herbert. Num *party* oferecido pela sua editora nova-iorquina, uma senhora aproximou-se do escritor: "Você é que escreveu *Dune*, não foi?... Olhe, eu não gostei nada do livro!" E desandou por ali fora num rosário minucioso de razões do seu desagrado, até ser interrompida por Herbert: "Desculpe, minha senhora, mas parece-me que me confundiu com alguém que se importa com a sua opinião."

Quem como eu está a ficar cada vez mais tradicional nessas ninharias de educação, apanha a fama de malcriado precisamente porque não quer agradecer sem ler. Mas o pior é quando o(a) autor(a) telefona: "Já leu o meu livrinho?" E a gente a desfazer-se em desculpas para não esmigalhar ainda mais o ego do(a) pobre. Não é fácil ser cruel como Oswald de Andrade, o pândego modernista brasileiro. À pergunta do ofertante de uma obrinha – "Já leu o livro?", ripostou: "Não li e não gostei!" (Acautelome avisando que esta é atribuída a outra gente, incluindo Adolfo Casais Monteiro. A minha regra, porém, é aceitar sempre a fonte mais antiga.)

A propósito de atribuições múltiplas, ocorre-me um incidente com Humphrey Bogart, que, conhecedor da técnica hollywoodesca de escrever livros – o *ghost writer* –, disse a Ilka Chase ter gostado de *Past Imperfect*, mas acrescentou com maldade. "Quem foi que lho escreveu?" E ela com a mesma rapidez: "Escrevi-o eu! E quem foi quem lho leu?"

Mas há também as pessoas simpáticas em excesso, como aquele senhor engenheiro que se virou para mim um dia: "Li o seu livro." Sem querer armar-me, perguntei-lhe cuidadosamente: "Qual deles?" O homem afinou e atirou-me com desdém: "Não me lembro do título. Era um livro de capas azuis." E este vosso criado, que não é de pau, pegou no tom: "Desculpe. É que, depois desse, escrevi um de capa vermelha, outro de capa branca e ainda um outro de capa verde."

Quem não se pode queixar do silêncio dos leitores é John Lenz, meu antigo professor de História e Filosofia. Assinou um contrato com a Prentice-Hall para escrever um volume sobre Filosofia da Educação na série *Philosophical Foundations*, traduzida em várias línguas, e que punha na capa de cada volume a lista completa dos livros publicados e a publicar, sem qualquer distinção. Lenz nunca chegou a escrever a obra, mas confessou-me o embaraço, repetido umas quantas vezes, ao ouvir gentilíssima gente declarar-lhe ter beneficiado muito da sua leitura.

Pelo que me diz respeito, embora por norma atrasadíssimo, escrevo sempre um agradecimento comentado dos livros que me oferecem. Mas a recíproca não é verdadeira. Envio dezenas de pacotes a amigos e só uma minoria acusa a receção. Certa vez resolvi acompanhar a oferta de uma carta-postal. Num lado levava o meu endereço, o quadradinho para o selo e esta citação:

*Coimbra, 26 de maio de 1942* – Mais um livro. Mais uma tonelada de energia perdida, que, gasta na minha terra a saíbrar monte, dava pelo menos um milheiro de bacelo plantado. Mas pobre de quem tem uma chaga! Pobre de quem tem a mísera condenação de ser poeta, e de o ser aqui...

Coimbra, 27 de maio de 1942 – Lá foi o livro para as quatro ou cinco pessoas a quem ainda, por amizade melancólica, ofereço as minhas coisas, sem a esperança de uma linha sequer a dizer – cá recebi.

(Miguel Torga, *Diário*, vol. II, p. 35)

No verso, estes dizeres a serem completados pelo destinatário:

Caro(a) amigo(a):

Após a receção deste livro, agradecia que preenchesse o cupão abaixo e mo remetesse na próxima oportunidade.

Onésimo

Caro Onésimo:

Acuso receção do teu livro

....., que já (*assinale a resposta apropriada*)

– pus na estante

– pus no caixote do lixo

– ainda não tive curiosidade de abrir

– vou ler quando me reformar.

Quanto ao teus próximos livros, e para que não gastes mais papel nem dinheiro com os correios (*assinale a resposta apropriada*)

– envia-mos se tos solicitar

– pela tua saúde, não mos envies!

Cordialmente,

(Ass.) .....

Membro do Movimento pela Redução do Consumo de Papel

Não sei se foi por não quererem assinar o seu nome diante das palavras *ass* – pura e inocente coincidência! – mas quase ninguém devolveu o carão. Duas pessoas preencheram uma fotocópia, pois queriam ficar com o original. Vá lá, sempre foi alguma coisa.

Por isso, com o meu recente *No Seio Desse Amargo Mar*, amargamente perdido no seio dessas livrarias, estou em não incomodar ninguém. Aliás, mesmo que quisesse fazê-lo não poderia, que já tem mês e meio de publicado e ainda não recebi volumes para oferta. Quando vierem, se calhar fico com eles, como Henry David Thoreau, que, não tendo conseguido vender a maioria dos exemplares de uma das suas obras, dizia em carta a um amigo: "Eu tenho agora uma biblioteca com cerca de novecentos volumes, setecentos dos quais eu é que escrevi." Outra alternativa é seguir o exemplo da livraria da Brown, que, todos os verões, para limpar as prateleiras, vende livros no passeio a um dólar. O quiló.

Afinal, um livro só é realmente importante para o autor. Ideia, diga-se, muito melhor expressa no *cartoon* que vi numa revista não sei onde, em que um indivíduo contemplava em êxtase o seu precioso livrito sumido nas prateleiras sem fim de uma biblioteca. A legenda captava-lhe o pensamento: "Que experiência única é ser autor de um livro!"

É por estas e por outras que, na próxima vez que eu for a Portugal, bem pode acontecer-me como ao outro que alguém abordou para dizer: "Olhe, eu comprei o seu livro." E o autor muito surpreendido: "Ah! Foi você?!"

---

## 5. O ESPÓLIO NÃO CAI DO CÉU

Um dia desses, um telefonema de Camila Miguéis. Havia um tom de mágoa dentro do meu auscultador. New York é Já ali em baixo. Ao telefone, mesmo ao pé da porta. Não, das linhas não era certamente... e Camila não fala assim. Mas falou dessa vez. Tinha saído em Lisboa um livro sobre o seu José, o Rodrigues Miguéis, da autoria de um grande amigo dele, Mário Neves (*J. R. Miguéis – Vida e Obra*. Caminho, 1990). Fazia uma censura velada – e delicada, acrescenta-se – ao facto de ela ter oferecido o espólio do escritor e marido à Universidade de Brown em vez de oferecê-lo a Portugal. O pior não era isso. Tal comentário, em livro, fica na estante, pois em Portugal quase ninguém lê ensaios. Para mais, no contexto do livro, muito simpático para com Miguéis e a sua obra, era pormenor de somenos. Mas os jornais, sempre à procura de um escandalozinho e de motivo para se entregarem ao prazer da bordoadá moral, tinham pegado e espremido a queixa a seu gosto. Camila leu-me, por exemplo, um parágrafo d'A *Capital*, que me prometeu e enviou pelo correio de seguida. A paulada batia assim: "É também com visível discordância que Mário Neves comenta o destino dado pela viúva ao legado pessoal e literário do escritor: 'O espólio de Miguéis foi entregue por D. Camila a uma universidade americana, privando assim os portugueses de um património com inestimável valor cultural.'"

Não foi preciso ser muito intuitivo para perceber ao que vinha aquele desabafo. Era altura de eu vir a terreiro e limpar-lhe a memória, confessando o crime. Prometi fazê-lo, embora sem saber bem como.

Algum tempo depois, telefona José Carlos de Vasconcelos. O *JL* preparava um número especial sobre a cultura portuguesa no mundo, e pedia um depoimento da América. Mas tratava-se de uma temática para ficar no ativo. Quer dizer que,

depois de satisfazer a encomenda, poderia enviar outros *flashes* sobre a cultura portuguesa na América para publicação em números posteriores. É ao que venho hoje. Começarei por umas pinceladas de contexto.

A primeira década americana de Miguéis foi de ativismo intenso. Envolveu-se sobretudo com os grupos políticos hispânicos e antifranquistas. Eram os anos trinta e quarenta. Depois dessa fase que o desiludiu, entregou-se à escrita. Em português. Falando inglês muito bem, reconheceu não poder ser essa a sua língua de criação. Apenas um conto aparece em inglês numa antologia de ficcionistas europeus. Até morrer em 1980, Miguéis foi uma ilha portuguesa na ilha de Manhattan, construindo ano após ano um arranha-céus de literatura, invisível a olhos anglos. Era de Portugal que se podia vê-lo. De lá, e dos poucos e minúsculos ilhéus dispersos América fora, onde os espanhóis toleravam que se ensinasse português.

Miguéis morreu assim nesse mausoléu que Aquilino terá dito ser a língua portuguesa. Na Universidade de Brown, a gente de um Centro de Estudos Portugueses recém-formado ainda tentou trazê-lo para uma conferência, mas ele cancelou à última hora. A saúde já não lhe permitia dispêndios exagerados de esforços para além do deambular quotidiano pelas ruas de New York. No entanto, um ano depois da sua morte realizava-se na Brown um simpósio sobre a sua obra. Havia já uma tese de doutoramento sobre o escritor, pelo professor John Kerr Jr., um dos presentes no encontro, tese, por sinal, dirigida por Jorge de Sena, falecido dois anos antes de Miguéis. De Kerr era também o livro *Miguéis – To the Seventh Decade*, cuidadosa biobibliografia, indispensável a qualquer estudioso do escritor. Falta apenas mencionar outra tese, de Maria Angelina Duarte, ainda não publicada.

Fez-se o propósito de divulgar a obra do escritor em inglês, e só aos poucos isso tem sido concretizado. Primeiro, a publicação das atas, num volume a que dei o nome de *José Rodrigues Miguéis – Lisbon in Manhattan*. Depois, a primeira coletânea de contos em tradução, da responsabilidade de George Monteiro, *Steerage and Ten Other Stories*, publicado pela Gávea-Brown, editora do mencionado Centro. A seguir saiu, na University Press of New England, uma outra de *Um Homem Sorri à Morte – com meia-cara*, que o tradutor George Monteiro chamou *A Man Smiles at Death – with half a face*.

É neste retrato, que contrasta um tanto com o "tão grande interesse" de que Miguéis "tem sido alvo nos Estados Unidos", onde os estudos sobre ele não têm a "larga divulgação", de que fala Mário Neves no seu livro. Mas esta distorção não lhe é exclusiva.

A imprensa portuguesa tem o hábito de fazer essas ampliações desmedidas. Mário Neves deve, aliás, ter forçado a tecla para vincar o contraste com o silêncio

que sobre Miguéis em Portugal se fez. (Dir-se-ia melhor: esquecimento.) Queixara-se o escritor da passagem despercebida, entre os críticos do seu país, de um romance de grande fôlego como *O Milagre Segundo Salomé* e de outras desatenções à sua escrita. Nada se alterou. Só dez anos depois de morrer lhe publicam uma biografia e, assim mesmo, graças à amizade de Mário Neves. (Os dois leves reparos aqui feitos não devem de modo nenhum subtrair mérito ao livro.)

Camila esteve, ao longo de todos estes anos, em contacto frequente com o Centro da Brown única instituição a promover a obra do marido. Mais do que uma vez deixou transparecer os seus escrúpulos sobre o destino do espólio. Receava poder desaparecer também um dia sem ter dado bom caminho aos papéis e à biblioteca do escritor.

De Portugal, era o já dito silêncio. E toda a gente da cultura sabia que Miguéis era morto. E que teria um espólio, naturalmente. Mas andava-se distraído destas coisas. A política era tudo e não havia surgido ainda o atual interesse generalizado pela "cultura". Recordo-me de ter abordado a editora de Miguéis para fazer sair em edição portuguesa o volume com as atas do simpósio da Brown. A resposta desculpava-se, explicando não ser rentável e que isso deveria interessar era ao público americano, não ao português. (Guardo a carta.)

Um dia, George Monteiro, doente crónico de bibliotecas e desde muito envolvido com a John Hay Library de Brown, especializada em Americana, veio com a sugestão de libertar Camila do seu pesadelo, trazendo o espólio para a Brown. A ideia foi rapidamente aceite por todos os envolvidos.

A mim coube o papel de bagageiro. Aluguei um *U-Hall* – uma carrinha espaçosa bastante para carregar uma biblioteca no ventre – e lá fui a acelerar pela estrada 95 abaixo, na companhia de José Brites, então aluno. Foi um dia a empacotar caixotes, e a carregá-los às costas do 11º andar para a carrinha. Valeu-nos o elevador. Mas só quem não sabe de estacionamento em New York imaginará termos conseguido um junto ao prédio. De regresso, e com ginástica para uma semana, o Zé e eu parámos num café da Quinta Avenida, e recordo-me de ter garatujado umas linhas sobre aquela aventura. Perdi os papéis, mas recordo que metia D. Quixote e Sancho Pança (não sei quem era quem, se o Zé e eu tínhamos ambos bocados dos dois), Pascal e as razões do coração que a cultura portuguesa no estrangeiro tem e Portugal não entende, e não sei que mais. (Como o leitor pode ver, nada se perdeu com o desaparecimento do meu manuscrito.)

E foi desse modo que se perpetrou o crime. Os livros e todo o espólio foram profissional e mimosamente tratados. A Gulbenkian, solicitada, colaborou. De todos os manuscritos vão seguir microfilmes para a Biblioteca Nacional de Lisboa,

como foi acordado, pelo que nenhum português tem razão de vir chorar nos jornais a grande perda para a cultura portuguesa que terá sido a oferta de Camila à Brown.

Morre um estrangeiro em Portugal e os portugueses naturalizam-no. Morre um português, quase esquecido metade da sua vida no estrangeiro, e por que razão há de a esposa, americana, oferecer a Portugal o que ninguém se mostrou interessado em adquirir?

Para salvaguarda do patriotismo luso e da honra nacional, espero que valha alguma coisa o facto de os dois ladrões assaltantes do 11C do número 40 da First Avenue serem cidadãos portugueses. Ficou assim tudo dentro da tão badalada Comunidade Lusíada. E o espólio do autor de *O Pão Não Cai do Céu* ficou em casa. Na América, que também foi sua. Por escolha dele.

*© ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA, QUE NOME É ESSE, Ó NÉZIMO? E OUTROS ADVÉRBIOS DE DÚVIDA, LISBOA, COLEÇÃO GARAJAU, EDIÇÕES SALAMANDRA 1994, PP. 49-53, PP. 55-58 E PP. 77-80.*

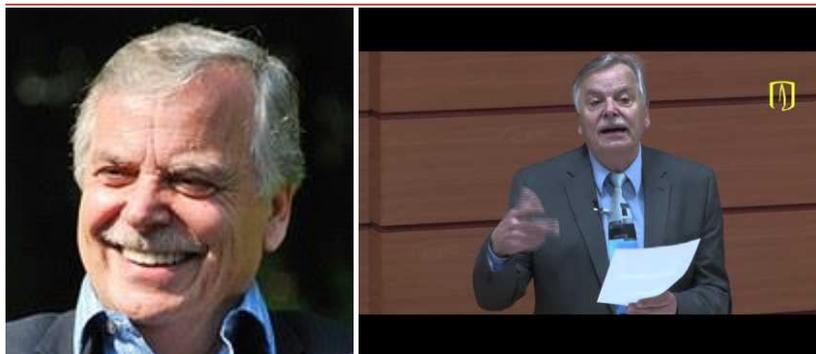
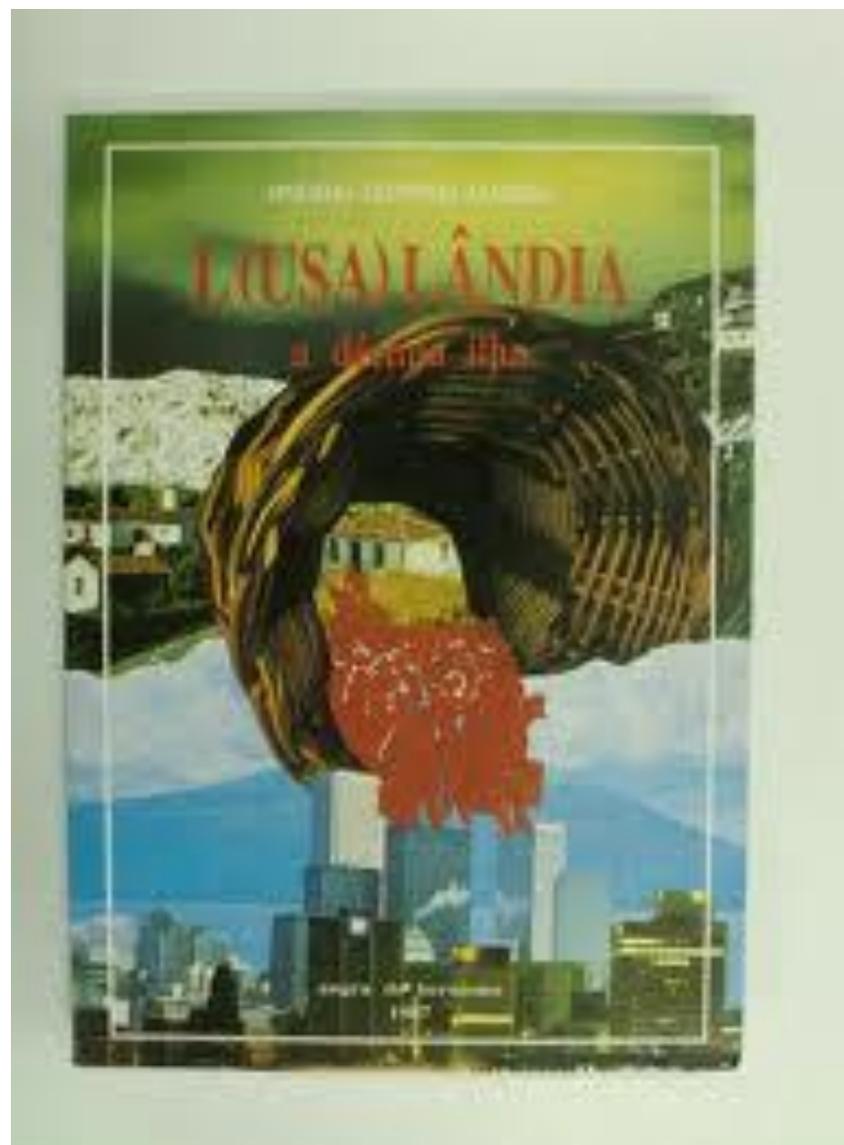


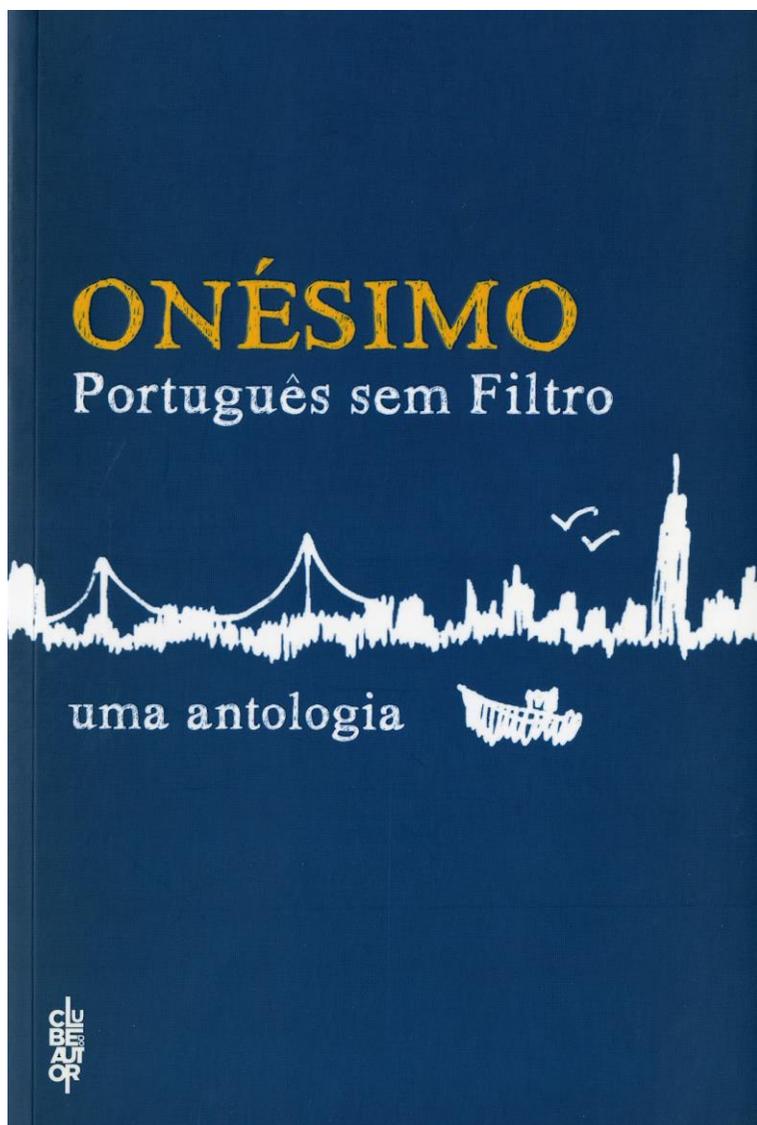


foto do autor



COM Carlos César





## 6. O QUE É A L(USA)LÂNDIA

C.A. – Podes definir o conceito de L(USA)lândia?

- Quando a palavra é impressa corretamente, o significado salta logo à vista. Compõe-se sublinhando os USA do adjetivo português 'lusa', acrescido da terminação 'lândia' (de *land*, terra) utilizada para alguns países – Nova Zelândia, Islândia – ou mesmo Disneylândia. Com a palavra resultante pretende-se significar essa espécie de país especial formado pelas comunidades portuguesas na América, que não são nem bem Portugal nem bem América, mas uma mistura de duas culturas. É muito mais simples usar essa palavra do que a expressão 'as comunidades Portuguesas da América'. Num texto qualquer, até no aspeto estilístico dá mais jeito. E porque o termo exprime uma realidade – o aspeto híbrido desse mundo especial – é que prefiro usá-lo. Não por ter sido o autor do neologismo.

Curiosamente, inventei-o num momento em que o sentia. Estava numa aula de Metafísica com o grande filósofo Roderick Chisholm e, em vez de seguir a preleção, pus-me a pensar que mesmo a poucos quarteirões daquele edifício ficava uma comunidade portuguesa que nada tinha a ver com o que se estava passando ali na aula, nem mesmo com a universidade em geral. E mais: essa comunidade, como as outras comunidades portuguesas, falava, vivia, pensava em português, cozinhava à portuguesa, divertia-se à portuguesa, apesar de uns *lés* e *shôas*, mas era uma ilha dentro da América. No entanto, vista de Portugal, ela era já uma comunidade americana.

O adjetivo derivado desse substantivo escreve-se é com letra minúscula – l(USA)landês. Não é uma duplicação do já existente 'luso-americano'. 'Luso-americano' refere-se apenas ao americano de ascendência portuguesa, quer dizer, nascido já na América. Não abrange o imigrante. Utilizei pela primeira vez o termo L (USA) lândia no título do meu livro *Da vida quotidiana na L(USA) lândia*. Hoje o termo é usado por muita gente. O jornalista terceirense na Califórnia Vamberto Freitas usa-o; o escritor Urbino de San-Payo, também na Califórnia; o João Carlos Tavares, jornalista em Rhode Island, idem. José Augusto Seabra, da Faculdade de Letras do Porto, saudou esse neologismo numa crónica no *Comércio do Porto*. Cunha de Oliveira já o usou. E um dia, por puríssimo acaso, vi na televisão em Lisboa Aldónio Gomes referir-se-lhe como um exemplo dum neologismo criativo. Isso para citar apenas alguns exemplos. E passe lá a publicidade. [...]

C.A. – *Emigrar é um drama?*

- Drama para muitos, tragédia para não poucos que, no caso dos açorianos para a América, termina normalmente com um *'happy' end*. Mas deixa as suas marcas. Numas pessoas mais do que noutras. Quanto mais velho se emigra, mais difícil é a adaptação. Só para as crianças e os jovens adolescentes o corte não deixa grandes marcas. O mundo que fisicamente ficou vai com o emigrante. É parte dele, do seu mundo, embora fisicamente não exista mais no dia-a-dia dele. E daí o drama. É como um membro amputado que (dizem aqueles que o experimentaram) se fica com a impressão de que ele lá está, sente-se-o (*sic*), mas ele de facto não está. Fica-lhe a imagem, o vazio, a falta. É por isso que o emigrante tenta reproduzir no lugar onde passa a viver tudo aquilo que pode do mundo que deixou. E fá-lo dentro das medidas das suas possibilidades, com os meios de que aí dispõe: a massa sovada e o chouriço, a festa do padroeiro e a banda de música, o grupo de futebol e a cor da casa, o grupo folclórico e as sopas do Espírito Santo. Afinal, é isso que é a cultura: o modo como um grupo humano está no mundo, se relaciona com ele e com os outros. Na emigração é que se vê bem qual é a cultura de um grupo [...] É em contraste com os outros grupos que se vê o que é que é idiosincrático [*sic*] num grupo. E são exatamente esses aspetos típicos, próprios, que o emigrante sente serem parte dele, que ele procura reproduzir no seu novo ambiente, precisamente por não os ter encontrado aí.

(SETEMBRO DE 1982), ENTREVISTAS DADAS PELO AUTOR AO  
CORREIO DOS AÇORES E CONDUZIDAS POR EDUARDO  
BETTENCOURT PINTO IN L (USA) LÂNDIA, A DÉCIMA ILHA.  
ANGRA DO HEROÍSMO, 1987, PP. 243-244-250-251.

## **7. O INSUSTENTÁVEL PESO DO SABER**

O peixe morre pela boca. Quem não dá ouvidos à sabedoria popular, lixa-se. Eu, que achava um piadão àquele grafito anarca 'Abaixo a cultura. O povo é que sabe!', tenho por acaso muito respeitinho pelas máximas herdadas da sabedoria de gerações, e até gosto de usá-las. Com a devida moderação, porque elas, levadas à letra, quase se anulam reciprocamente. Falha que a própria sabedoria popular resolve, sabiamente também.

Para que fui eu insurgir-me contra o mau hábito, muito cultivado em Portugal, de se receberem livros sem agradecimento nem resposta, sequer essa mentirinha bem-intencionada 'vou ler na primeira ocasião'?

Foi logo. Arribou aí uma carta do Brasil a lembrar-me que ainda não tinha acusado a receção de um livro oferecido, um calhamaço, tese de doutoramento minuciosíssima sobre uma pequena comunidade de que nunca ouvira falar, num Estado que nunca visitei. Toma, Onésimo, para aprenderes!

Depois dessa paulada, fui à estante onde acumulo os livros oferecidos e que aguardam a aplicação da minha regra de não agradecer sem ler primeiro. Foi duro, humilhante mesmo, constatar que não só estou atrasadíssimo como eles continuam a chegar e cada vez se tornará mais difícil cumprir o preceito. Que fazer, por exemplo, a uma prateleira a abarrotar com esses portentos de teses de doutoramento, imensas e massivas, opressivas e imponentes? Vou mentir à Maria Norberta Amorim sobre a sua *Evolução* Demográfica de Três Paróquias do Sul do Pico, desde 1680? É que fui eu, inveterado masoquista, a pedir à autora que me oferecesse um exemplar quando terminasse a pesquisa. Nabo em demografia, vou impingir-lhe que até li de fio a pavio e com sofreguidão as 600 páginas do "Apêndice Genealógico", uma listagem de nomes, datas de nascimento, de casamento e óbito? Que comentário vou fazer? Que só faltam os números de telefone? Mas como é possível juntar-se tanta informação sobre tão pouca gente? Certo estava quem disse que hoje a função das universidades é fazer-nos saber cada vez mais sobre cada vez menos.

Por deveres de ofício não tenho podido furtar-me à obrigação de pertencer a júris de teses em áreas em que sou ignorante encartado. Pois a regra é que elas sejam passadas a pente fino por gente de todos os quadrantes, que possa de algum modo ter a ver com o assunto em questão. Nesta altura do ano a epidemia é garantida. Ultimamente têm-me calhado em sorte uns não pouco indigestos que devem ser (reconheço humildemente) importantíssimos estudos nas subsubsubsubáreas em que cada doutorando decidiu estragar parte da sua vida e desfazer-se de muito cabelo. Eu próprio, quando foi a minha vez, gastei vantajadas resmas de papel à volta de uma única palavra – ideologia – por me ter deixado fascinar pelas guerras enormes que ela desencadeava. Quando, na defesa oral, me perguntaram que propunha eu se fizesse a tão endiabrado termo, sugeri que fosse abolido. Aliás, dei eu próprio o exemplo: não o usei durante dez anos. E não lhe senti a falta. Mas continuei na minha de julgar importante tratar da saúde a semelhante bicho impertinente, embora toda a gente continuasse a sua vida

normalmente sem se preocupar com isso. Os que usavam a palavra e os que dela nunca ouviram falar.

Um pobre, que tem de se submeter a esses ritos de passagem, espremendo uma ideia até à última gota e à milésima nota de rodapé, não quer saber se o resto dos mortais acha urgente o estudo do seu tema eleito, pupila do seu afeto. Misteriosas e insondáveis estas flagelações iniciáticas de que eu também me fiz gostosamente vítima.

Digam-me lá se não foi por gosto que um indivíduo como João Saramago (João não é gralha) passou anos a estudar e depois a escrever uma tese de doutoramento sobre a população de uma ilha de trezentas e poucas pessoas? Tenho agora aí para ler e agradecer (outra pedincha minha) esse seu *Le Parler de l'île de Corvo, Açores*, com uma quase inacreditável minúcia de dados, uma quantidade de gráficos com registos acústicos que me transcendem, para não falar de estatísticas e percentagens de uso de vocábulos e o caneco. É preciso ter amor à língua, à linguística e ao Corvo. (E que lhe vou eu dizer? Que o papel é de um branco finíssimo e a capa está gira à brava com uma bela foto da sua ilha?!)

Mas tenho mais, muitas mais teses para aí. E o pior é que algumas são para ler mesmo de ponta a ponta, ainda que redondamente me ultrapassem, como por exemplo a do meu compadre João Bilhim, a quem não pude recusar o pedido, embora lhe tivesse confessado quase de joelhos que nada, três vezes nadinha, sabia sobre *Fatores Organizacionais do Sistema Português de I & D*. Encontrei, por acaso, uma passagem onde faltava uma vírgula. Ah!, e num parágrafo recomendei-lhe que seguisse aquela velha regra estilística de nunca começar uma frase com *porém*. Porém, essas pertinentes sugestões valeram-me umas palavras quentes e reconhecidíssimas na página dos agradecimentos da praxe, na versão final que ele me entregou aquando da minha última passagem por Lisboa. Pedindo-me que voltasse a ler, claro!

Estou eu para aqui a brincar com coisas tão sérias como o buraco sem fundo que o saber de uma tese abre na cabeça de um mortal. Não é justo. Até porque reconheço o exagero de aplicar à toa, a qualquer tese, aquela história da conversa entre Nicholas Murray Butler e o Professor Brander Matthews, da Columbia University, que escrevera um artigo sobre o plágio. Segundo este, quando alguém usa uma história pela primeira vez, é original. Se um segundo refere a mesma história, plagia. O terceiro já só revela falta de originalidade; o quarto, porém, recorre simplesmente à tradição. Ao que o Butler terá acrescentado: 'Mas quando um quinto a usa, chama-se investigação!'

Ninguém de fora compreenderia o entusiasmo para-fanático que abrasava quatro linguistas com quem almocei uma vez. Era um congresso mundial e eu desaguei naquela mesa por trabalharem com a nossa língua, mas dei afinal com uma animadíssima conversa em linguagem cifrada. Um deles anunciava a publicação próxima de um trabalho seu que iria revolucionar completamente o campo. Meia hora depois, descobri que, no mundo inteiro, só mais duas pessoas faziam pesquisa naquela área.

À mesa estava uma linguista americana, minha colega de universidade. Dedicava-se à língua portuguesa. Escrevera uma tese de doutoramento sobre os nossos sons nasais. Não falava; torpedeava os presentes com um voluptuoso discorrer sobre *ens* e *ins*, *uns* e *ões*. Varado com tão entusiástico saber, comentei para a Martha que tanto fervor se me tornava quase incompreensível. Só por analogia era capaz de simpatizar.

Com um enorme sorriso, confessou-me:

– Se queres que te diga a verdade toda, a minha grande paixão nem é esta...

E, sem me dar tempo para conjeturar alternativas, desvenda-me a alma em pleno:

– ... a minha grande paixão é o ditongo português *ão*.

(Texto datado de 1993)

QUE NOME É ESSE, Ó NÉZIMO? E OUTROS ADVÉRBIOS DE DÚVIDA.  
LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, COL. "GARAJAU", 2ª EDIÇÃO,  
2002 (1ª EDIÇÃO: 1983), PP. 55-58.

## 8. QUE NOME É ESSE, Ó NÉZIMO

*Há dois biliões (?) de pessoas*

*No mundo. Eu sou, pois,*

*umbilionésimo*

*(Vergílio Ferreira Conta-Corrente, Vol. I, pág. 350)*

E eu? Simplesmente...

...onésimo!

Um dia destes, entro num restaurante português aqui da L(USA)lândia. De uma mesa de três, ouço a proposta: ‘Vamos a um concurso! Quem é que é capaz de dizer corretamente o nome dele?’ Dele, isto é, meu. Ninguém ganhou. Dois deles chegaram a ‘Nemésio’, aliás saída habitual entre portugueses. Costumo dizer que me honra muito a confusão, mas que me chamo Onésimo.

Estou habituadíssimo. No Pico da Pedra da minha infância, ia de Nézeme e Nerse a ‘ó Ness’. No meu primeiro ano de Francês, um colega deliciava-se em chamar em voz alta:

ânesse! E eu, acostumado às inúmeras variantes por que se me dirigiam, lá voltava a cabeça para deparar com os risos dele.

Nunca dei cavaco. Ria também. E foi mesmo num dicionário de Francês que pela primeira vez encontrei esse nome escrito sem ser o meu: Onésime. Nunca vira a lista de onde meu pai o escolhera. Ele era Manuel. Estava farto da monotonia dos nomes à sua volta. Onésimo soava-lhe bem e ninguém o tinha. Duas excelentes razões para mo dar, achava ele.

Durante anos fiz coleção das versões escritas. Chegara já a sessenta e tal quando perdi a lista. Lembro-me de alguns: Aumésimo, Honézio, Eufrésio, Inésio, Ornéstimo... Porque o segundo nome não era muito melhor – Teotónio –, às vezes a coleção enriquecia-se com duplas como essa de “Oneziamo Piotamo” com que me batizou o monsenhor Lourenço, ao chamar-me à lição no meu primeiro ano de Inglês.

Nos Estados Unidos, as histórias continuaram. Um dia, à espera de ser recebido por um decano da universidade, ouvi uma secretária chamar várias vezes: ‘Uanessaimo!’ Como não havia mais ninguém na sala de espera, volta-se para mim e pergunta: ‘Não é você o Mr. Uanessaimo Elmira (versão americana de Almeida)?’ Olhei para ela e, de repente, ocorreu-me decodificar naquela pronúncia a leitura de Onésimo, que as máquinas americanas despojavam do acento. [...]

O nome em si é, apesar de tudo, menos problemático para os americanos. Habitados a tantos vindos dos quatro cantos do mundo, pedem para soletrar e geralmente fixam-no. Mas há variantes criativas. Recebo, por exemplo, a assinatura de uma revista onde me devem tomar por irlandês: O’Nesimo.

Em Portugal, a nossa apregoada capacidade para línguas não se estende aos nomes. Eu que o diga. Um diálogo frequente ao telefone inicia-se comigo de cá: ‘Fala o Onésimo Almeida’. A telefonista ou uma secretária: ‘O quê?!’ E, sem mais aquela, comenta para uma colega ao lado: ‘Que nome esquisito!’

Em tempos, porque aparecia na imprensa lisboeta a assinar artigos mas ninguém me via pelas ruas ou nas tertúlias, houve quem jurasse ser um pseudónimo.

No programa de televisão que mantenho há anos no canal português de TVCabo em New Bedford, durante longo tempo fui conhecido entre muitos ouvintes como ‘o homem da quarta-feira’, dia em que o meu programa era transmitido.

Ah! Histórias da televisão encheriam um livro. Mas fiquemo-nos pelas relacionadas com o nome. Aí vai uma das últimas:

De uma vez, estava eu num restaurante nos Açores com um grupo de amigos. Aproxima-se um cavalheiro e, cheio de desculpas pela intromissão, pergunta-me se tenho um irmão na América moderador de um programa de TV e com quem eu era, segundo ele, muito parecido. Respondo-lhe que não, mas acrescento: tenho, por acaso, um irmão na América, e ele, sim, tem um irmão com isso de um programa de TV, só que esse irmão... sou eu.

Ah! Ah! Ah! Cavaqueou-se mais um bocado até que o luso-americano, telespetador em férias, se despediu de novo com escusas. Meia hora depois, volta ele:

– O senhor vai desculpar-me, mas há pouco eu estava a falar consigo e sabia com quem estava falando, mas não me conseguia lembrar do seu nome. Só agora me recordo: é o Vitorino Nemésio!

Essa confusão, bonita para mim (se bem que insultuosa para Nemésio), não para por aí. Eis a minha variante preferida:

Em Ponta Delgada, vou a casa do meu amigo e excelente poeta Urbano Bettencourt. A filhinha pergunta-lhe: ‘Ó pai, este é que é o Vitorino Onésimo?’

Bom, mas agora já não estou só. Um meu compadre, dos arredores de Santo Tirso, passou-me o nome a um dos filhos. Um dia, chego a Lisboa e telefonolhes para casa: – ‘Daqui é o Onésimo.’ E uma vozinha tímida responde-me do outro lado dos fios: – ‘Daqui também é o Onésimo!’

E já encontrei outro: na Brown, na minha equipa de futebol dos tempos de estudante, um mexicano aluno de Matemática Aplicada. Sei, além disso, da existência do poeta cabo-verdiano chamado Onésimo Silveira, que esteve algum tempo nas Nações Unidas. De uma vez, após ter conhecido pessoalmente num congresso um professor americano especialista em literaturas africanas de expressão portuguesa, comecei a receber dele umas cartas estranhas. Eu não entendia nada. Referia-se a gente minha conhecida de nome e de obra apenas, mas

não das minhas relações: Baltazar Lopes, Luís Romano, Manuel Ferreira, entre outros. Um dia cai em mim: as cartas eram para Onésimo Silveira.

Esta nova confusão também não foi única. Uma vez *O Jornal*, onde colaborei durante muitos anos, pôs na lista de gente nos Açores, aquando da Presidência Aberta, um tal Onésimo Teotonius Silveira.

E poderia continuar indefinidamente com historietas à volta do(s) meu(s) nome(s). Individualmente ou agrupados. Não disse nada do Pereira ou da dupla Teotónio Pereira. Nem aludirei às complicações advindas de se usarem apenas dois nomes em inglês – o primeiro e o último – com a abreviatura do segundo de permeio, eliminando-se o resto. Tirei o ‘Pereira de’. Se tivesse deixado o ‘de’, na América classificar-me-iam sob DeAlmeida. Não quis. Tanto mais que, por razões curiosíssimas, cá por estes lados o De é pretensioso. Mas quem não mo elimina é a redação do *JL*. Assino os textos sempre sem o tal ‘de’. Razões mais fortes mantêm-no indelével logo abaixo da minha foto.

Quero dizer com isto que não tenho controlo nenhum sobre os nomes que me chamam. Na América, com as regras fixas de tratamento, quando a referência é formal, tratam-me por Mr. Almeida. Às vezes, Prof. Almeida. Em Portugal, mesmo nas colunas dos jornais, é ‘o Onésimo’ ou então, pomposamente, ‘o Professor Onésimo’. Já imaginaram alguém referir-se ao ‘Prof. Óscar’ ou ao ‘Prof. Joel’, salvo seja não comparando? Mas acho-lhe graça. E dá para aumentar a minha coleção de histórias.

Há um outro lado nisso de se possuir um nome estranho. Em tempos, chegou-me de Portugal uma carta cujo envelope continha por endereço apenas: Onésimo/Brown/Boston. A cidade estava errada, mas bastou a universidade para, em Boston, acrescentarem no envelope o código postal da Brown. Chegada cá, os funcionários trataram do resto.

Contei a história ao meu amigo Doug, de Vancouver. Não acreditou e quis testar a minha palavra. Repetiu a fórmula. Chegou-me igualmente a carta, desta vez com um carimbo: ‘Favor informar o remetente do endereço completo.’

Perdi-me por aqui abaixo e ia-me esquecendo de contar a origem do nome Onésimo, que é grega. É simultaneamente nome próprio e adjetivo. Significa ‘útil’ e ‘proveitoso’, que nada tem a ver comigo e muito menos com esta crónica. Na Bíblia, é o nome de um escravo de Colossos que S. Paulo converteu na prisão. O meu antepassado onomástico roubara, não se sabe o quê. Alguns estudos sobre humor referem essa – pelos vistos única – passagem bíblica onde há uma intenção levemente humorística. Com efeito, S. Paulo faz um trocadilho com o nome na Carta a Filémon: ‘Onésimo..., que agora é útil para ti e para mim...’

Disse que era grego o nome. Quando, porém, fiz uma vez essa afirmação na Grécia, deixei cétricos os meus amigos helénicos, pois nunca o tinham ouvido. Não é usado hoje. Mas numas das idas a férias, o Kyrios Yannis anunciou-me todo contente a sua descoberta: havia de facto um Santo Onésimo, venerado até numa ermida perdida nas altas serras do interior de Creta. Insistiu em levar-me a visitá-la. Pobrezinha como convém a um escravo e ladrão e, naturalmente, a este cronista. Dentro, dois ícones com o nome do santo inscrito em duas ortografias diferentes: *Onesimos* com *epsilon* numa e, na outra, com *heta*. (Parece vir de longe essa história da variedade ortográfica.) Ao que parece, o santo é agora padroeiro dos juizes. Como é que um santo ex-ladrão acaba em patrono de juizes dá para matutar. A história é divertida e complicada, como o leitor já deve ter percebido que é tudo nesta questão onomástica. Não conto. Seria a *n*-ésima historieta e vou preservá-lo de mais um incómodo.

Redundou em abuso este exercício narcisista a declinar o meu nome, e a conjugá-lo como tema de crónica. Se o leitor achar que toquei as raiais do enjoativo, dar-lhe-ei o meu acordo.

Por isso mesmo, para não pairarem no ar equívocos sobre as intenções desta autocontemplação, aqui registo a minha história predileta desta série. Por sinal, nem tem a ver com ‘Onésimo’, mas com o ex-árabe e hoje lusitaníssimo ‘Almeida’.

Uma aluna chinesa a fazer um doutoramento em Linguística numa universidade do Canadá escreveu-me uma respeitossíssima carta polvilhada de salamaleques em inglês cheio de boa vontade, pedindo-me o obséquio de informações sobre a língua portuguesa. Não sei onde foi obter o meu nome. Nem me lembro como lhe saiu a versão de Onésimo, mas era bastante estropiada. Quanto a Almeida, uma gralha apenas, certa e consistente, tanto no envelope como depois no início da carta: ‘Dear Professor Almerda’.

Um bilionésimo o meu estimado Vergílio Ferreira? E eu? Ex-escravo/ladrão, agora pior do que simplesmente onésimo: já nem sequer Almeida!

*Onésimo Teotónio (sem de) Almeida (1989)*

Contarei mais uma apenas, a do emigrante que veio de férias no Norte de Portugal e me telefonou. Que eu desculpasse, mas queria saber se eu estava vivo. Sabia que estava, só precisava de confirmação minha para a aposta a ganhar. Um safado ignorante qualquer insultara-o por ele ter dito que conhecia Nemésio. Rira-se dele o outro. Que Nemésio morrera há mais de dez anos. O newbedfordiano a bater o pé que o vira na televisão havia semanas. ‘Isso são gravações que a RTP envia para a América!’ – repetia-me a imitá-lo narrando o diálogo tintim por tintim.

- O Nemésio açoriano?
- Sim!
- Professor de universidade?
- Claro!
- Escreve livros?
- Tou-te a dizer!
- Faz um programa de televisão?
- Sim, senhor!
- Se é esse, morreu, homem!
- Morreu cá nada! Está na América há muitos anos!... Queres apostar?

Juro que lhe vou telefonar quando chegar a casa!

Com todo o cuidado lá lhe dei a má notícia de ter perdido a aposta, não sem lhe agradecer comovidamente a defesa e lhe explicar esse estranho fenómeno das línguas dos portugueses, avessas a dobrarem-se para me pronunciarem corretamente o nome. Quem paga é esse meu muito admirado Vitorino Nemésio do meu afeto que, se fosse verdade a metempsicose, não mereceria ter descido tão baixo logo na primeira reencarnação.

Quando a RTP-Açores anunciou a transmissão da série *Mau Tempo no Canal* houve quem me viesse dar os parabéns pelo sucesso da obra.

Entretanto, a coleção de variantes do meu nome vai crescendo. Fecho esta com algumas das mais criativas: Donésimo, Osínoro, Unéssimo, Piotónio, Onsimo, Onomésio, Onemiso, Nazemo, Anefimo e Quésimo.

E a lista continua. (Texto datado de 1994)

QUE NOME É ESSE, Ó NÉZIMO? E OUTROS ADVÉRBIOS DE DÚVIDA.  
LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, COL. "GARAJAU", 2ª EDIÇÃO,  
2002, PP. 193-201.

## 9. PEÇA: "O PORTUGUÊS QUE SE CORRESPONDEU COM DARWIN", DE PAULO RENATO TRINCÃO

Estando a folhear, como diria um bom português, o livro *"De Marx a Darwin: a desconfiança das ideologias"*, de Onésimo Teotónio Almeida, dei por conta de um apêndice intitulado *"O darwinismo nos Açores: Arruda Furtado, Sena Freitas e não só"*, com o qual o autor pinça de maneira sucinta algumas ideias sobre a receção da Teoria da Evolução em Portugal, especialmente por meio das citações dos evolucionistas supramencionados.

Especificamente em relação a Arruda Furtado (1854-1887), Onésimo faz menção de alguns trechos com os quais este evolucionista português remete às eternas polémicas que sempre acompanharam a Teoria da Evolução ao longo de sua história, tais como:

### RELIGIÃO/EVOLUÇÃO:

*"A crença na Bíblia começou a tirar a venda e a vêr já boa luz nos livros da ciência O velho Testamento começou a ter o seu verdadeiro lugar, como livro excelente, porque tinha domado os povos, mas inútil presentemente, para o mesmo fim, porque se pode e deve recorrer, entre os homens civilizados, a outros processos mais dignos e proveitosos."*

### HOMEM/MACACO:

*"Temos visto muitas vezes propor a escolha entre o Cristo e entre o padre, mas encaminhar-se para fazer o mesmo entre o Cristo e o macaco, só agora". / "A semelhança do macaco com o homem, é um fato que o povo mais do que ninguém se diverte a mostrar. Ide por uma aldeia com um desses homens de realejo e mandril e ouvireis em todas as bocas: «Parece mesmo ser gente.» Esta semelhança, reconhecida pelo próprio povo, impressionou mais de perto os homens de ciência (cita-se Darwin principalmente), e eles disseram, não que o homem e o macaco de hoje eram descendentes um do outro, mas somente que ambos deveriam ter sido produzidos pela transformação de um animal perdido e mais caracterizada como macaco do que como homem."*

### ÓRGÃOS VESTIGIAIS (OU RUDIMENTARES)

*“Os órgãos que tem de servir para a adaptação a um meio, crescem e transformam-se; os que não tem de ser chamados a desempenhar função alguma no meio novo, vão-se atrofiando, mas conservam-se ainda por muito tempo em algumas espécies no estado rudimentar. Todos esses órgãos que nos parecem inúteis em muitos animais, não são mais que órgãos que, em outro tempo, prestaram grande serviço, não são mais que órgãos rudimentares.”*

Arruda parece ter sido aficionado pelas ideias de Darwin. Isto fica claro nesta espécie de paráfrase que ele faz do trecho final do livro do naturalista inglês “*A Origem do Homem e a Seleção Sexual*”:

*“Se o homem devesse ter orgulho e ambição de glórias, nada haveria mais glorioso para ele do que ter vindo da funda eternidade por uma série imensa de transformações, libertando-se pouco a pouco das formas inferiores, até chegar ao seu estado presente, E ISTO APENAS Á CUSTA DO SEU TRABALHO. Bem longe de nos envergonharmos, por sabermos que somos um macaco aperfeiçoado, como vulgarmente se costuma dizer, devemos ter nisso a maior glória, pois o nosso estado atual é uma saída vitoriosa do inferior para o superior, Á CUSTA DA MAIOR SOMA DE LUTAS PELA EXISTÊNCIA QUE TEM PODIDO SUSTENTAR UMA ESPÉCIE.”*

Arruda Furtado, para quem não sabe, manteve algumas correspondências com Charles Darwin, e até lhe enviou espécies açorianas a fim de que estas confirmassem suas teorias sobre evolução. Estas correspondências com o autor de “*A Origem das Espécies*” rendeu-lhe, no ano passado, uma peça de teatro intitulada “*O português que se correspondeu com Darwin*”, de Paulo Renato Trincão, levada à cena pela Contigo Teatro. É isso!

*ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA: “DE MARX A DARWIN: A DESCONFIANÇA DAS IDEOLOGIAS”. EDITORA GRADIVA, LISBOA, 2009, PP. 173-178. RETIRADO DO [blogue de Iba Mendes](http://www.ibamendes.com/) <http://www.ibamendes.com/> “O PORTUGUÊS QUE SE CORRESPONDEU COM DARWIN”*

## 10. ONÉSIMO, PORTUGUESE TIMES (DATA INCERTA). .VER... SÕES POSSÍVEIS

Um dia arribou-me aí o correio eletrónico de um sociólogo amigo que muito prezo. Vive na estranja e escrevia assim: Tenho sido repetidamente confrontado com a pergunta “donde vem a expressão para inglês ver? A minha biblioteca portuguesa está em Lisboa e portanto não posso consultá-la. Existirá algum texto elucidativo sobre o assunto? [...] Grato pela sua ajuda, e desculpe o incómodo. Não trabalho no Observatório da Língua Portuguesa e até bem que me vejo e desejo por vezes com as minhas próprias dúvidas linguísticas, a ponto de pedir socorro à Leonor aqui à mão ou, a uns poucos toques no teclado, ao meu caríssimo Eduíno de Jesus, em Lisboa, ele sim um mestre da língua. Todavia respondi assim ao ilustre correspondente:

*Vou ver se encontro aí um dicionário de expressões coloquiais. Conheço uma versão brasileira sobre a origem dessa, mas não sei se explica o seu uso tão frequente em Portugal. A expressão é de facto também muito usada entre brasileiros, mesmo aqui à minha volta. Teria supostamente surgido quando o Governo de Regência do Brasil, face às pressões inglesas, promulgou uma lei proibindo o tráfico negreiro, creio que mesmo declarando livres os escravos e prometendo castigo aos infratores. Como a sensibilidade local era completamente contra a decisão, terá circulado a explicação cochichada por um ministro:*

*Essa lei é só para inglês ver.*

*Si non è vero... Mas vou averiguar.*

Curiosamente, tive um professor de Inglês, autor de uma gramática dessa língua, que fora missionário no Oriente tendo trabalhado vários anos em Singapura. Quando na aula líamos indevidamente consoantes supostamente mudas, ele avisava: Cuidado, cuidado! Essas letras são para inglês ver e português não pronunciar.

Em resposta, o meu amigo não escondia o entusiasmo. Instigava-me mesmo a escrever um ensaio sobre o tema. A verdade é que ainda me pus à cata de mais dados; no entanto apenas dei com uma frase de Machado de Assis a propósito de posturas municipais, na sua crónica de “A semana” (8-1-1893): Que se cumpram algumas, é já uma concessão utilitária; mas deixai dormir as outras todas nas coleções edis. Elas têm o sono das coisas impressas e guardadas. Nem se pode dizer que são feitas para inglês ver. Foi só. Não dava para ensaio nenhum e nem sequer para crónica de jeito. Na verdade, dessa expressão não se pode concluir nada sobre a nossa cultura face à inglesa ou outra qualquer. D. Manuel tentou fazer vista

grossa à sua ordem de expulsão dos judeus dando-lhes vinte anos para se converterem devagarinho. Foi como se dissesse: Esta lei é só para espanhol ver. E vai daí? A constituição portuguesa é uma das mais avançadas da Europa, até diz que o nosso regime é socialista. Ora isso é só para que conste internacionalmente o nosso vanguardismo. Para o mundo ver. Usamos abundantemente o termo fachada (da mesma família semântica) e dizia-se no tempo de Salazar Ele tira de onde é necessário para pôr onde faz vista. Quando afinal isso era um hábito bem mais antigo - não culpa dele, que cumpria apenas uma tradição herdada de antanho.

Recordo-me de, em jovem, ter um dia chamado a atenção de um amigo americano para o facto de ele ter a T-shirt do avesso. Explicou que não lhe restava nenhuma lavada e por isso virara para fora a parte tocada pelo suor de modo a poder sentir no corpo a mais limpa. Caí de queixo porque na minha cultura fazia-se exatamente o contrário. A sala de jantar para as visitas. O resto, escondia-se. E ainda hoje há muitos restaurantes portugueses elegantíssimos até o cliente necessitar de ir à casa de banho.

Ora, ora, nada de ilações! Querer por exemplo associar o aqui dito com as estatísticas escolares e com o mais que Portugal manda para Bruxelas ver é puro abuso linguístico. Seria como explicar a origem doutra comparável expressão - a ver navios -, com a estória apócrifa de Onassis em festa de núpcias com Jackie ex-Kennedy. Após a boda, o envelhecido milionário grego tê-la-ia levado ao porto Pireu a mostrar-lhe os seus iates um após outro. Daí que a noiva tenha passado a noite a ver navios. Nada a ver, pois.

---

**O “AH! MÒNIM DUM CORISCO!”, DE ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA  
COMEÇA COM OS SEGUINTE VERSOS CANTADOS COM A MÚSICA  
DA “CHARAMBA” DA TERCEIRA:**

\*\*\*

Boa noite, meus senhores,  
Senhoras e belas flores  
Que aqui estão neste salão.  
Para vós vou eu cantar  
E a todos quero saudar  
Do fundo do coração.

\*\*\*

Hai! Gudívnim, Gudenaite, [*Hi! Good evening, good night*]

Vocês ‘tão todos òraíte, [Vocês estão todos *all right*]  
Luke! Yu bérabi, camâne! [*Look! You better be, come on*]  
Vamos ter um naice shó, [Vamor ter um *nice show*]  
Que até no Cirió [Que até no *City Hall*]  
Vão dizer: Sanavagâne! [Vão dizer: *Son of a Gun!*]

\*\*\*

Coro:

Ah! Mònim dum corisco! [Ah! Dinheiro dum corisco!]

\*\*\*

Passaram-se milhas,  
Ficaram as ilhas  
Tão longe, pra lá;  
E a gente que veio  
Ficou de permeio,  
Nem além nem cá.  
É outra esta terra,  
É outra esta gente,  
E o Joe, que era Zé,  
Lá dentro até sente  
Que agora já é  
Nas ilhas ausente;  
Mas sabe também  
Que ainda não tem  
Aqui o seu pé  
Seguro e assente.  
Ausente-presente,  
Quer cá como lá,  
Aquém como além,  
Ao meio partido,  
O Joe que era Zé,  
Não sabe se até,  
Assim dividido,  
É um dois ou três,  
João ou Jànim, [Johnny]  
Se Frank ou Francisco;  
E ignora outra vez  
Que a culpa, enfim,

É só do mòmim,  
Mòmim dum corisco!

\*\*\*

Enfim... a aventura do emigrante açoriano na América. Mas bom mesmo, para mim, foi relembrar frases e expressões como estas:

\*\*\*

“Mamã que vá que eu fico cá fora de guarda.”

“... eles não vam dá os papeles amaricanos...”

“Eh, home, pela tua saúde. Deixa-me as políticas da mão.”

“Como é agora isso?”

“... quer dizer que os homens e as mulheres é iguales...”

- Tava aí um bonito trabalho!”

“Ah, senhora, ...”

“Corisca mulher aquela!”

“E é amanhar.”

“Meu sogro está a sonhar alto. (...) O meu sogro deixe lá isso.”

\*\*\*

Que saudades do falar micalense!... E que comovente as preocupações do Tio Costa:

\*\*\*

“Eh, home! E se a América entra em guerra com Portugal, por que lado é que a gente tira parte?”

[...]

Diálogo entre a Tia Evangelina e o Tio Costa:

“ - Eh, home? Para que é agora que foste perguntar se podias jurar a bandeira amaricana com uma mão na algibeira do casaco?”

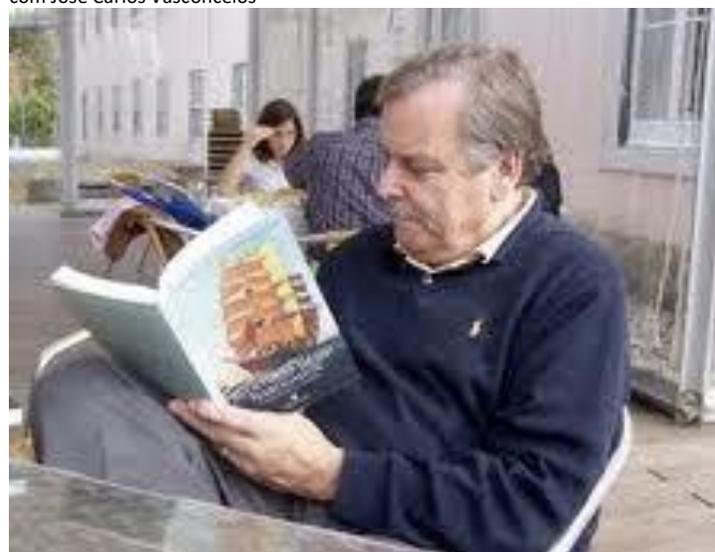
- Ó mulher, é porque eu tenho cá uma coisa cá dentro por causa desse juramento. Eu penso na minha rica terra onde eu nasci...

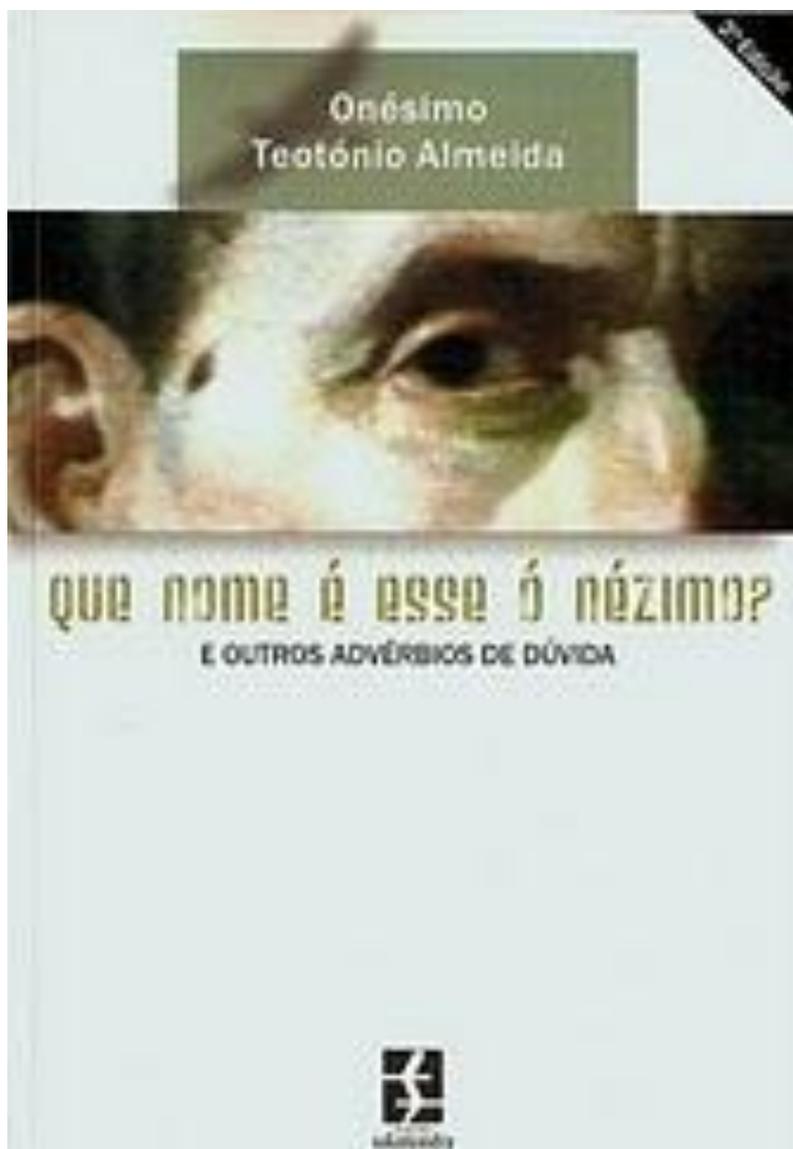
- E ó depois, vai daí?

- Era que se eu pudesse estar com uma mão na algibeira do casaco quando eu estivesse a jurar, eu levava comigo escondido na algibeira uma bandeirinha portuguesa pequenina e agarrava-a com a mão. Ninguém desconfiava. Da boca para fora era para a amaricana, mas cá para mim, não pegava nada, que a nossa é que contava!”



com José Carlos Vasconcelos



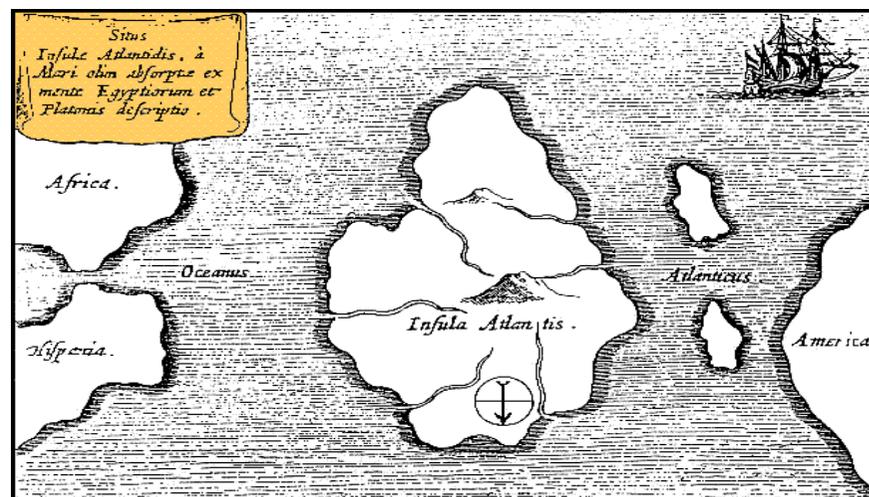


com Eduíno de Jesus



## **CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS**

# REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



**CADERNO Nº 13 dezembro 2011**

**DEDICADO A ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA**

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia

Chrys Chrystello editou este número

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

**CONVENÇÃO:** O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

**COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA –

revisto janeiro de 22

**Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115**